

# **MESTRADO**

## **MESTRADO EM ECONOMIA INTERNACIONAL E ESTUDOS EUROPEUS**

### **TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

#### **DISSERTAÇÃO**

**A MOEDA COMO O ELEMENTO MAIS RELEVANTE PARA A  
ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS**

**RICARDO ALMEIDA KILSON**

**SETEMBRO-2019**

# **MESTRADO**

## **MESTRADO EM ECONOMIA INTERNACIONAL E ESTUDOS EUROPEUS**

### **TRABALHO FINAL DE MESTRADO**

#### **DISSERTAÇÃO**

**A MOEDA COMO O ELEMENTO MAIS RELEVANTE PARA A  
ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS**

**RICARDO ALMEIDA KILSON**

**ORIENTAÇÃO:**

**PROF DR: VITOR MANUEL SANTOS**

**SETEMBRO-2019**

## GLOSSÁRIO

TAF – Teoria Austríaca das Flutuações.

TACE – Teoria Austríaca dos Ciclos Econômicos.

NET – Net Present Value

## RESUMO

A presente dissertação busca oferecer explicações sobre qual é o papel da moeda na criação e sustentação da vantagem competitiva em nível nacional e internacional. Para tanto o presente trabalho irá procurar fazer uma análise multidisciplinar envolvendo a ciência econômica e ciência da administração de empresas. Porque entendemos que a melhor forma de compreender o funcionamento da dinâmica competitiva nacional e internacional e a forma como a moeda afeta essa dinâmica, passa por uma abordagem multidisciplinar, buscando apresentar como as teorias da administração estão ligadas as teorias econômicas. Dessa forma esperamos apresentar um modelo explicativo para esses fenômenos, cuja abrangência seja a maior possível no que tange as diferentes economias e suas respectivas indústrias. Logo iremos estudar por meio de uma análise qualitativa e dedutiva como a moeda pode afetar positivamente ou negativamente a dinâmica competitiva em cenários diferentes, ou seja, não buscamos realizar um trabalho de estudo de base. Mas uma teoria que possa ser aplicada na prática, para que os gestores possam traçar suas estratégias competitivas munidos das informações mais completas possíveis a respeito da dinâmica competitiva de suas respectivas indústrias. Por fim essa dissertação tem por objetivo propor um estudo inicial para justificar a desestatização do dinheiro como proposta originalmente por Hayek (2011b)<sup>1</sup>, visto que entendemos que a livre escolha dos meios de pagamento seja uma das ferramentas do planejamento estratégico que os gestores podem usar para alavancar a vantagem competitiva das empresas, em especial no contexto da economia internacional. Pois dessa forma as empresas poderão escolher livremente as moedas que julgarem serem mais adequadas aos seus negócios, tanto em nível nacional como internacional. Sem qualquer obrigatoriedade de aceitar qualquer moeda seja ela suprida pelo Estado ou pelo livre mercado.

**Palavras chave:** Moeda, Concorrência, Vantagem Competitiva, Praxeologia, Fluxo Monetário.

---

<sup>1</sup> Originalmente publicado em 1976.

## ABSTRACT

This dissertation aims at providing explanations about the currency's role in creating and sustaining competitive advantage, both at the national and international levels. For this purpose, the present work will try to carry out a multidisciplinary analysis involving the economic and the business administration sciences. Because we believe the best way to understand the functioning of the national and international competitive dynamics, and how the currency affects this dynamic, goes through a multidisciplinary approach, seeking to present how the administration theories are linked to the economic theories. Thus, we hope to develop an explanatory model for these phenomena, whose coverage is the greatest possible regarding the different economies and their respective industries. Therefore, we will study, through a qualitative and deductive analysis, how the currency can affect, positively or negatively, the competitive dynamics in different scenarios, that is, we do not seek to carry out a baseline study work. We pursue a theory that can be applied in practice, so that managers can build their competitive strategies based on the most complete information possible concerning the competitive dynamics of their respective industries. Finally, this dissertation aims at proposing an initial study to justify the privatization of money as originally proposed by Hayek (2011b)<sup>2</sup>, since we understand that free choice of means of payment is one of the strategic planning tools that managers can use to leveraging the competitive advantage of companies, particularly in the context of the international economy. In this way, companies will be able to choose freely the currencies they think are most appropriate to their business, both nationally and internationally. Without any obligation to accept any currency, whether it is supplied by the State or by the free market.

**Keywords:** Currency, Competition, Competitive Advantage, Praxeology, Cash Flow.

---

<sup>2</sup> Originally published in 1976.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo das 5 Forças da Concorrência.....	13
Figura 2 – Exemplo da Cadeia de Valor Genérica de Michael Porter.....	14
Figura 3 – Exemplo do Modelo Diamante de Michael Porter.....	15
Figura 4 – Exemplo do funcionamento do Triângulo Hayekiano.....	21

## AGRADECIMENTOS

Essa dissertação não seria possível sem a contribuição de muitas pessoas, por isso agradeço a todos que estiveram envolvidos nas muitas etapas para a conclusão desse Mestrado em Economia Internacional e Estudos Europeus. Com especiais agradecimentos a minha família, amigos, professores e meu orientador.

## PREFÁCIO

A dissertação que se desenvolve a seguir é fruto de uma longa história de estudos que venho fazendo desde a minha graduação em Administração de Empresas. Sempre gostei de estudar a história das moedas, principalmente porque somos ensinados desde crianças que precisamos ter dinheiro para poder comprar o que queremos. Isso me levou a ter sempre um fascínio pelo dinheiro, sempre quis entender de onde vinha as moedas que eu tanto precisava para comprar o que queria, ao ponto de imaginar que se pudesse “imprimir” dinheiro poderia ter tudo o que eu quisesse. Mas com os anos se passando fui vivenciando experiências que me indicavam o contrário do que eu costumava imaginar, ter mais moeda não é o mesmo que ter mais riqueza, pois moeda era tão somente um pedaço de papel pintado ou metal cunhado. “Imprimir” dinheiro não fazia a riqueza aumentar, mas fazia com que tudo o que eu quisesse comprar ficasse mais caro, ao ponto que o dinheiro que eu depositava no banco render juros menores que as taxas de aumentos de preços dos bens. O que me fez entender na prática que o governo do meu país de origem, o Brasil, não estava nos deixando mais ricos quando fazia a oferta de moeda crescer ano a ano a taxas de dois dígitos, mas muito pelo contrário estávamos todos ficando mais pobres em termos reais.

Essas experiências pessoais me fizeram tentar entender como eu poderia ter dinheiro para comprar o que eu queria sem precisar ter uma quantidade de moeda crescente na economia? Foi então que comecei a ler sobre as moedas e as teorias formuladas por economistas ao longo dos séculos que tentavam explicar seus comportamentos na economia. Dessa busca por respostas nasceu em 1 de janeiro de 2014 um projeto sobre desestatização do dinheiro, que escrevi durante a minha graduação e que até hoje continuo escrevendo e reescrevendo. Portanto essa dissertação é para mim muito mais que a busca de um grau acadêmico, é na realidade a busca por conhecimento sobre as moedas, conhecimento onde irei estudar mais a fundo a tal da desestatização da moeda, que tanto me fascina a anos.

RICARDO ALMEIDA KILSON

LISBOA

03/12/2018



## SUMÁRIO

GLOSSÁRIO.....	III
RESUMO.....	IV
ABSTRACT.....	V
LISTA DE FIGURAS.....	VI
AGRADECIMENTOS.....	VII
PREFÁCIO.....	VIII
1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Objetivo.....	11
1.2 Relevância da Pesquisa.....	11
1.3 Pergunta Problema da Dissertação.....	12
2 A Visão Baseada na Indústria.....	12
3 A Escola Austríaca de Economia.....	18
4 Metodologia.....	24
5 Alargando a compreensão da Teoria Austríaca dos Ciclos Econômicos.....	27
5.1 1ª Cenário:.....	28
5.2 2ª Cenário:.....	30
5.3 3ª Cenário:.....	31
5.4 4ª Cenário:.....	34
6 A estratégia competitiva e a vantagem competitiva sob uma moeda forte.....	35
6.1 Ataque a um líder da indústria.....	36
6.2 Condições para o ataque a um líder.....	37
6.3 Estratégia defensiva.....	37
7 CONCLUSÃO.....	44
8 BIBLIOGRAFIA.....	47

## 1 INTRODUÇÃO.

Por séculos a moeda tem sido a principal razão pela qual as civilizações triunfaram e declinaram, as sociedades que aprenderam a orientar suas ações econômicas em conformidade com as leis econômicas e não inflacionaram as moedas foram as que mais prosperaram, conforme Schuettinger & Butler (1988)<sup>3</sup>. A dissertação foi dividida em quatro principais partes, primeiramente iremos abordar a escola do planejamento estratégico do posicionamento, da qual a visão (Porter 1989, 1993 e 2004)<sup>4</sup> representa. Segundo iremos detalhar a visão da teoria econômica da Escola Austríaca de Economia em conformidade ao apresentado por (Menger 1985, 2017<sup>5</sup> e Iorio 2011). Na terceira parte iremos combinar essas visões e dar origem a “TACE ALARGADA” [Teoria Austríaca dos Ciclos Econômicos combinada com a visão baseada na indústria de (Porter 1989, 1993 e 2004)].

Com base nessa teoria serão criadas simulações de cenários estratégicos industriais genéricos e teóricos a fim de se verificar qual é a importância da moeda para administração de empresas. Isso é qual é o papel da moeda na criação e sustentação da vantagem competitiva das empresas em diferentes estágios de desenvolvimento econômicos. Por fim na quarta e última parte iremos apresentar como a economia pode e deve funcionar livremente, apenas com adoção de uma moeda forte, isso é uma moeda que ganhe poder compra no decorrer do tempo. Finalizando o trabalho com a sugestão da desestatização da moeda, como apresentado por Hayek (2011b), como possível meio para as empresas terem acesso a uma moeda forte, ou seja, cujo poder de compra aumenta a cada ano.

---

<sup>3</sup> Originalmente publicado em 1978.

<sup>4</sup> Edições originalmente publicadas em 1985, 1990 e 1979.

<sup>5</sup> Edições originalmente publicadas em 1883 e 1871.

### 1.1 Objetivo.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a explicações da escola austríaca de economia e da visão baseada na indústria do porquê certas empresas nacionais e internacionais são mais competitivas que outras? Logo essa dissertação tem por objetivo estudar o papel específico que a moeda tem na criação e sustentação da vantagem competitiva tanto em nível nacional quanto internacional. Dessa forma não se objetiva nesse trabalho debater as diferentes visões econômicas existentes na ciência, estamos apenas buscando compreender na visão das já referidas duas teorias, quais seriam os impactos que a moeda teria na formação e manutenção da vantagem competitiva das empresas em nível nacional e internacional. Tal análise não será feita tendo por base o empirismo e sim o apriorismo metodológico, ou seja, uma visão primordialmente racionalista (Mises 2010, Hayek 2011a e 2011b, Porter 1989, 1993 e 2004 e Say 1983)<sup>6</sup>, portanto seguindo a metodologia apresentada por Menger (1985 e 2017). Sendo assim o objetivo desse trabalho estará focado em analisar pela ótica racionalista quais são os efeitos sobre a competitividade das empresas quando as empresas podem escolher livremente os meios de pagamentos que desejam usar em suas transações rotineiras. Isso é podemos resumir o objetivo desse trabalho na seguinte sentença: analisar sob a ótica racionalista quais seriam os ganhos para a vantagem competitiva de se poder escolher livremente os meios de pagamentos que desejamos usar. Pois se entendemos que uma moeda estatal de curso forçado é superior a uma moeda totalmente privada de curso livre, não há razões que justifiquem o Estado proibir a livre competição de moedas em seu território.

### 1.2 Relevância da Pesquisa.

Essa pesquisa se justifica pois tem por objetivo resgatar a tradição da defesa da liberdade econômica individual, isso é trazer ao debate do século XXI ideias originalmente propostas no século XIX e XX, mas que atualmente são desconhecidas da grande maioria do público comum e de muitos acadêmicos. Isso é essa pesquisa é importante pois permitirá ao leitor conhecer o origem das principais teorias que embasam a liberdade econômica individual, especialmente em momentos como os vivenciados no final da segunda década do século XXI, onde movimentos contrários a liberdade econômica individual voltam a ganhar força, onde vemos países como Estados Unidos, China, Brasil etc., recorrendo ao protecionismo econômico como forma de proteger suas

---

<sup>6</sup> Edições publicas originalmente em 1949, 1979, 1976, 1985, 1990, 1979 e 1803.

respectivas economias. Mas como essa dissertação busca fazer, veremos que já no tempo dos economistas clássicos e posteriormente na primeira e segunda metades do século XX havia inúmeros autores fornecendo explicações multidisciplinares em defesa das liberdades individuais, em especial no direito do homem poder comercializar com quem queira e com os meios de pagamento que achar melhor.

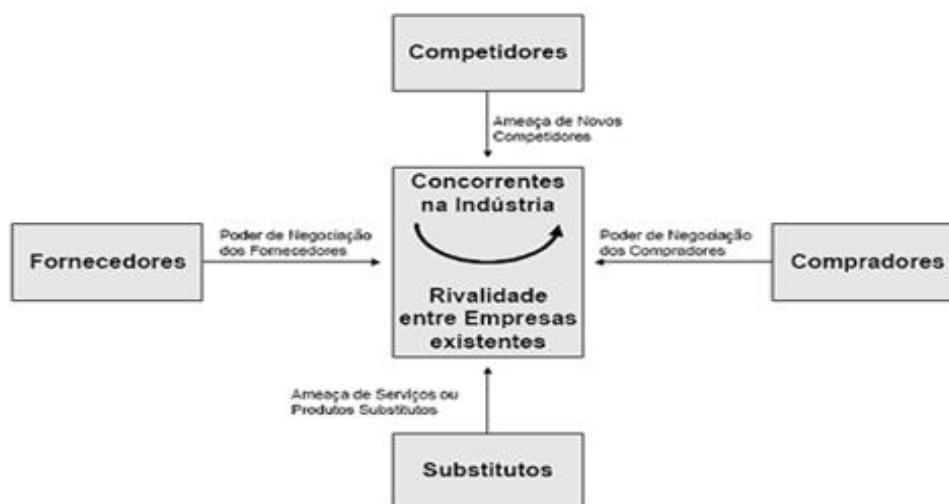
### 1.3 Pergunta Problema da Dissertação.

Como a moeda influencia na vantagem competitiva das empresas nacionais e internacionais na perspectiva praxeológica misesiana? Muito se tem debatido entorno dessa questão, afinal qual é a importância da moeda para a competitividade? Para se tentar responder a essa e tantas outras questões sobre a moeda é preciso recordar-se que a moeda é sempre a metade de qualquer transação, isso é toda troca mercantil é feita com base no valor de uma moeda, mesmo que nenhuma moeda seja usada na troca. E que a moeda é uma mercadoria, cuja função primordial, porém não é a única, é facilitar o processo de trocas comerciais, substituindo as trocas diretas pelas trocas indiretas. Logo a moeda é um elemento indispensável para compreendermos como uma empresa cria vantagem competitiva e como ela a mantém. Sendo assim para que possamos responder à pergunta problema dessa dissertação, antes devemos fazer outra pergunta. Quais são as implicações das relações monetárias? Colocando em outras palavras, como a moeda influencia as três mais importantes variáveis da economia: preços, juros e salários?

## 2 A Visão Baseada na Indústria.

Para podemos responder nossa pergunta problema, bem como nossa segunda questão, antes precisamos entender afinal o que é “vantagem competitiva” e para que ela serve? Antes de respondermos essas três perguntas iniciais dessa dissertação vamos começar por introduzir o conceito de 5 Forças de Porter, Cadeia de Valor de Porter e Modelo Diamante de Porter. Porter (2004), criou o modelo genérico das 5 forças dirigentes da concorrência que podem ser vistas a seguir:

Figura 1 – Modelo das 5 forças da concorrência.



Fonte: Porter (1989), p. 5.

Conforme Porter (2004) essas cinco forças são primeiro: a rivalidade na indústria, ameaça de novos entrantes, poder de barganha dos compradores, poder de barganha dos fornecedores e por fim a ameaça dos serviços e produtos substitutos. Essas 5 forças, segundo Porter (1989 e 2004) formam conjuntura de cada indústria existente, não havendo, portanto, nenhuma indústria que não possua esses 5 elementos fundamentais. Porter (2004) também nos diz que além dessas forças existem três estratégias competitivas genéricas, que são: liderança de custo total, diferenciação e enfoque, em preço ou diferenciação<sup>7</sup>. Não havendo a possibilidade de se competir em todas essas estratégias ao mesmo tempo, pois conforme Porter (2004) esse será o caminho para um desempenho competitivo medíocre. Logo as empresas existem em um ambiente industrial, regido por 5 forças e 3 estratégias, cabendo as empresas decidir como se posicionar diante desse teatro.<sup>8</sup> Apresentado o conceito de 5 forças competitivas, podemos avançar para apresentação da cadeia genérica de valor de Porter. Que pode ser vista a seguir:

<sup>7</sup> Por enfoque em preço e em diferenciação o leitor deve entender: que se trata de uma estratégia onde a empresa não busca atender ao público de massa, mas certos nichos ou segmentos específicos que buscam produtos específicos de baixo custo ou produtos específicos de alto valor agregado. Os exemplos mais comuns para enfoque em preço são as marcas regionais de produtos de baixo custo, já o enfoque em diferenciação pode ser visto por exemplo nas empresas que buscam vender produtos e serviços muito exclusivos, como itens ou experiências de alto padrão. Para mais detalhes ver Porter (2004), p. 36 a 48.

<sup>8</sup> A definição de indústria: “Vamos adotar a definição de uma indústria como o grupo de empresas fabricantes de produtos que são substitutos bastante aproximados entre si.” Segundo Porter (2004), p. 5.

Figura 2 - Exemplo da cadeia de valor genérica de Michael Porter.



Fonte: Porter (1989), p. 35.

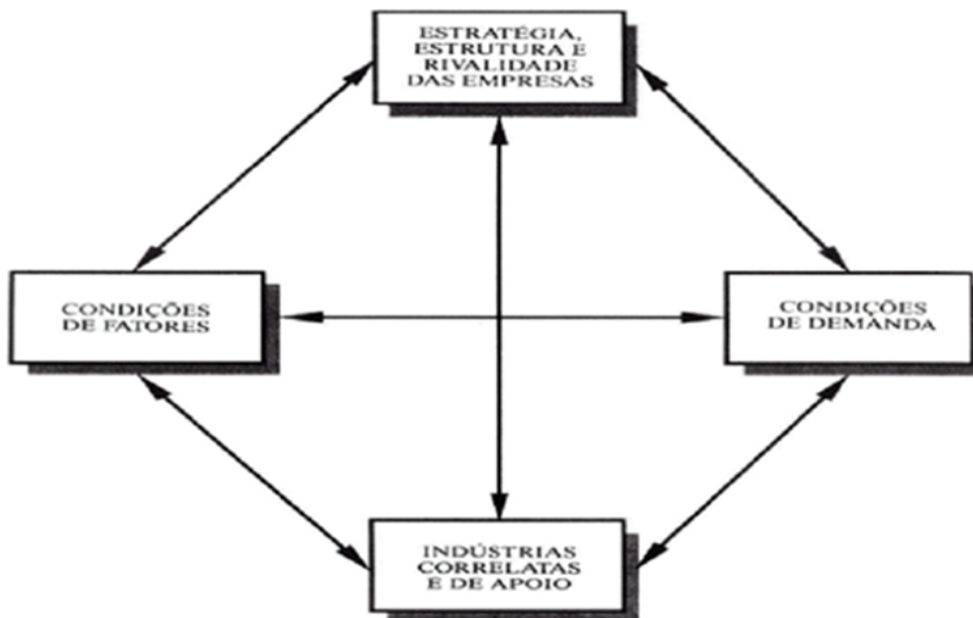
Para Porter (1989), as empresas não podem ser entendidas olhando apenas para o seu todo, ou seja, diferentemente da Teoria Geral dos Sistemas as empresas não são apenas entidades inseridas em um mercado de onde recebem “inputs”, produzem “outputs” e se retroalimentam, moldando se conforme as condições do mercado. Para Porter (1989) as empresas são constituídas por diferentes atividades geradoras de valor para os consumidores, as uniões dessas diferentes atividades formam as cadeias de valor das empresas, que não são lineares!<sup>9</sup> Porter (1989) as divide em quatro elementos básicos, primeiro as chamadas atividades principais, atividades essas diretamente ligadas a produção de valor, das mercadorias, ao cliente, o segundo elemento são as atividades de apoio, atividades cujo objetivo é assistir as atividades principais para que essas possam funcionar corretamente. O terceiro elemento é o controle de qualidade, esse que ocorre antes, durante e depois da produção, restando por último os chamados “elos” entre as atividades de valor. Os elos, são as ligações internas que unem duas ou mais atividades geradoras de valor da cadeia de valor interna ou externa as empresas, fornecedores e consumidores, e geram a vantagem competitiva.

Sendo agora possível responder a terceira questão dessa dissertação. Afinal o que é vantagem competitiva? Segundo Porter (1989), vantagem competitiva é o retorno sobre os investimentos acima da média da indústria. Tendo vantagem competitiva, as empresas que se posicionam em certas estratégias genéricas e seus respectivos grupos estratégicos,

<sup>9</sup> É comum ocorrer o engano de se pensar que os processos produtivos de qualquer indústria são como uma linha de montagem interligando várias empresas. Isso é a ideia de que todo produto e serviço segue um caminho linear dentro das indústrias, ou seja, tudo começa com a matéria prima sendo extraída da natureza, pré-processada, indo para uma terceira etapa e assim sucessivamente até chegar ao consumidor final ou após o consumo o produto ser reprocessado na logística reversa, a reciclagem. Mas na realidade não há essa linearidade na produção, pois quanto mais complexo é o bem ou serviço a ser produzido mais complexa é também a gestão da sua cadeia de valor. O que se pode chamar de “teia” ou “constelação” de valor, isso é diferentes estágios produtivos de diferentes indústrias interagindo entre si para a criação de valor. Não havendo qualquer linearidade na produção.

bem com alguns segmentos do mercado,<sup>10</sup> e que são capazes de gerar uma taxa interna de retorno superior a verificada na média da indústria.<sup>11</sup> Podemos agora prosseguir com nossa descrição dos modelos genéricos e passar a análise do modelo diamante, desenvolvido por Porter (1993). O modelo pode ser visto na figura a seguir.

Figura 3 – Exemplo do Modelo Diamante de Michael Porter.



Fonte: Porter (1993), p. 88.

Como pode-se notar o modelo diamante é composto por quatro elementos, havendo também segundo Porter (1993), duas variáveis externas, o acaso e o governo. Esses quatro elementos constituintes do diamante são: primeiro a estratégia, estrutura e rivalidade das empresas, segundo a condição de demanda, terceiro a condição de fatores e quarto as indústrias correlatas e de apoio. Tendo apresentado os três modelos competitivos genéricos de (Porter 1989, 1993 e 2004), podemos agora aprofundar a compreensão a respeito desses três modelos. Primeiro vamos retornar as 5 forças de Porter. As cinco forças como já apresentadas são os elementos que regem o ambiente competitivo das indústrias. Podendo cada uma das forças ter mais ou menos relevância para a dinâmica competitiva a depender dos “cenários competitivos” segundo Porter (2004). Logo o que

10 Segundo Porter (2004) grupos estratégicos são grupos de empresas que competem através da mesma estratégia competitiva genérica, ou seja, suas cadeias de valor estão organizadas de formas similares, possuem dimensões estratégicas similares, conforme Porter (2004), p. 132 a 161.

11 Como o próprio Porter (1989 e 2004) reconhece a vantagem competitiva vista em cada indústria tende a ser diferente, pois as condições competitivas imperantes são sempre diferentes de indústria para indústria.

Porter (2004) quer dizer por cenários competitivos são, os quatro estágios de desenvolvimento em que uma indústria pode se encontrar.

Para Porter (2004, p. 199 a 285) existem 4 cenários competitivos, o primeiro deles é: indústrias fragmentadas<sup>12</sup>, o segundo: indústrias emergentes, terceiro: indústrias maduras e quarto: indústrias declinantes. A depender do cenário competitivo em que uma indústria se encontra a relevância de cada uma das 5 forças muda. No caso das indústrias fragmentadas, nascentes, a força que se mostra mais ativa é dos novos entrantes, pois a indústria ainda está se formando e não há ainda grupos estratégicos formados nem muitas barreiras de entrada e saída. Passando para as indústrias emergentes, a força que mais se destaca é a força poder de barganha dos fornecedores, porque nesse estágio já existem grupos estratégicos, barreiras de entrada e saída definidas. Nesse ponto as empresas estão buscando desenvolver seus canais de compras e vendas, para tanto precisam constituir suas cadeias de suprimentos. Avançando agora para as indústrias maduras, a força que se mostra mais ativa é a rivalidade das empresas, isso porque já não há mais uma expansão acentuada da indústria como um todo. As empresas já estão estabelecidas e atendendo a todos os principais segmentos, o que gera uma fase baixo crescimento das receitas empresariais.

As firmas constituídas em seus respectivos grupos estratégicos/segmentos passam a ter que “atacar” as posições competitivas assumidas por outras empresas para poderem continuar a crescer como antes. A rivalidade interna aumenta. Por fim o último estágio em que uma indústria pode se encontrar é em fase de substituição. Nesse último cenário competitivo as empresas se deparam com o seguinte sufrágio, reorientam suas propostas de valor para uma nova indústria, podendo ou não ser essa que vem em substituição, ou então desaparecem. É nesse ponto que a força serviços e produtos substitutos se torna mais aparente, pois a indústria já não reflete mais as preferências dos consumidores e será substituída com o passar do tempo.

O segundo conceito que precisamos ter em mente é relativo aos estágios que o diamante de Porter pode estar. Porter (1993) identifica que o diamante possa estar em quatro distintos níveis de desenvolvimento, semelhante aos cenários competitivos das

---

<sup>12</sup> O termo “fragmentada” ao qual Porter (2004, p. 199 a 222) se refere, pode ser entendido até certo ponto como sendo similar ao termo “indústrias nascentes” usados pelos economistas.



indústrias.<sup>13</sup> O primeiro deles é o impulsionado por fatores, o segundo é o impulsionado pelos investimentos, o terceiro é o impulsionado pela inovação e o quarto é o impulsionado pela riqueza. Em cada um desses cenários estratégicos há também elementos do diamante cujas atuações são mais presentes que os demais. Segundo Porter (1993) nas indústrias impulsionadas por fatores, o elemento do diamante mais atuante é a condição de fatores. Nas indústrias impulsionadas pelos investimentos os elementos do diamante mais atuantes são, primeiro a condição de fatores, segundo a estratégia, estrutura e rivalidade das empresas e terceiro a condição de demanda. Nas indústrias impulsionadas pelas inovações os elementos do diamante mais atuante são todos. Nas indústrias impulsionadas pela riqueza os elementos do diamante mais atuantes também são todos, porém o que difere esse estágio do anterior é o fato de que se trata de uma indústria internacionalmente declinante.

Importante destacar que muitas indústrias, nos mais diversos setores podem apresentar rentabilidades muito diferentes entre si, não somente em função dos cenários competitivos genéricos, mas em função do que Porter (1989) nomeou de “bons” competidores.<sup>14</sup> Bons competidores segundo Porter (1989) são aqueles que “compreendem” suas reais capacidades competitivas e se portam em conformidade a elas, isso significa que são empresas que não atacam deliberadamente as suas concorrentes, nem tão pouco utilizam de estratégias que de alguma forma possa “denegrir” a imagem da indústria. Pois segundo Porter (1989) os “maus” competidores podem afundar toda uma indústria ao desarticular o “bom” funcionamento das 5 forças competitivas.

Mais a frente, quando tratarmos da TACE “alargada” iremos também criar cenários genéricos a respeito de como as 5 forças competitivas, as cadeias de valor, o diamante competitivo, as três estratégias genéricas e seus respectivos grupos estratégicos/segmentos, se relacionam para explicar a fonte de competitividade de uma empresa inserida nos mercados nacionais e internacionais. Veremos a indústria não mais pelos seus elementos competitivos individualmente, mas todos eles funcionando juntamente e como a moeda influencia nessa dinâmica competitiva reforçando ou destruindo a vantagem competitiva nacional e internacional.

---

<sup>13</sup> Importante destacar que o que difere o modelo diamante dos demais modelos genéricos de Porter é o fato de que o diamante se refere ao grau de competitividade internacional que uma indústria apresenta. Logo um diamante “ideal” segundo Porter (1993) seria um diamante internacionalmente muito competitivo, isso é a indústria nacional de um setor específico que seja composto pelas empresas internacionais líderes.

<sup>14</sup> Para mais detalhes acerca do conceito de “bons” competidores ver Porter (1989), p. 187 a 210.

### 3 A Escola Austríaca de Economia.

Para entendermos a Escola Austríaca de Economia precisamos compreender qual a base científica que a fundamenta. A escola austríaca nasceu durante a revolução marginalista de 1871, com a publicação da obra de Menger (2017). Nessa obra Menger (2017) introduz a lei da utilidade marginal, que pode ser expressa da seguinte forma.

- 1- Deve haver uma necessidade.
- 2- Deve haver um bem que sirva para sanar essa necessidade.
- 3- O indivíduo deve reconhecer que esse bem é capaz de sanar sua necessidade.
- 4- O bem em questão deve estar ao alcance do Homem, logo recursos no centro da Terra não tem utilidade, pois são inatingíveis na atualidade.

Foi com base nas constatações de Menger (2017), que Böhm-Bawerk (1986)<sup>15</sup> descobriu a lei da preferência temporal, ou seja, o fato de que pessoas preferem consumir hoje a consumir amanhã, pois a utilidade de um bem é maior hoje que a amanhã. É desse fato econômico que surgiu a taxa de juros, isso é um prêmio cobrado para que uma pessoa renuncie ao seu capital hoje em favor de outra pessoa, com a promessa de em uma data futura receber o capital inicial acrescido de juros. E com base nesse princípio de que os investidores determinam o custo de oportunidade de investir em um negócio qualquer, o que se conhece como *Net Present Value*, valor presente líquido. Um investidor só deve aceitar um investimento se o NPV calculado for igual ou maior que zero, caso contrário esse investimento é economicamente inviável, ou como iremos nos referir daqui em diante: antieconômico. Os fatos mais importantes a se saberem sobre o NPV é que ele não mede a rentabilidade ou a lucratividade de um investimento, ele apenas mede o custo de oportunidade, sendo esse custo de oportunidade determinado pelas taxas de juros existentes no mercado. Quanto mais altas essas taxas, menor será o NPV e quanto mais baixas as taxas de juros mais alto será o NPV.

Essas duas leis econômicas são a base fundamental das Teoria Austríaca dos Ciclos Econômicos e da Teoria Austríaca das Flutuações. De forma geral podemos dizer que a TACE e a TAF segundo Hayek (2011a): TACE é a teoria que analisa e fornece a explicação para os ciclos econômicos, a TAF é a teoria que explica o funcionamento da cataláxia. A análise dos fenômenos catalácticos é dividida em duas teorias apenas para efeito conceitual, visto que a cataláxia é uma teoria geral da economia. Sendo assim não

---

<sup>15</sup> Obra originalmente publica em 1888.

é dividida em macro e micro como as demais teorias econômicas. Vejamos a definição de cataláxia:

Cataláxia – a teoria da economia de mercado, isto é, das relações de troca e dos preços. Analisa todas as ações baseadas no cálculo monetário e rastreia a formulação de preços até a sua origem, ou seja, até o momento em que o homem fez sua escolha. Explica os preços de mercado como são e não como deveriam ser. As leis da cataláxia não são julgamentos de valor; são exatas, objetivas e de validade universal.<sup>16</sup>

A cataláxia é segundo Hayek (1995), uma teoria mais abrangente sobre a economia:

Portanto, poderíamos definir a economia que agora prefiro chamar de cataláxia, como sendo uma metateoria, uma teoria sobre as teorias que as pessoas elaboram a fim de explicar qual o modo mais eficiente de descobrir e utilizar recursos diferentes para fins diferentes.<sup>17</sup>

A cataláxia é conforme Mises (2010) parte de uma teoria geral da ação humana, cujo nome é praxeologia, ciência da ação humana.<sup>18</sup> A praxeologia é uma ciência axiomática, assim como a matemática e a lógica, portanto sua fundamentação não advém da experimentação, empirismo, mas da dedução lógica, apriorismo, como explica Menger (1985 e 2017). A base da praxeologia é o chamado axioma da ação humana, que nos diz: as pessoas agem. Tal afirmação é irrefutável, pois todo e qualquer tentativa de se tentar refutar, confirmar ou renunciar a qualquer ação, estará necessariamente incorrendo em uma ação humana. Logo para que possamos continuar a compreender as teorias apresentadas pelos “austríacos”, precisamos introduzir uma outra lei econômica, a lei de Say, descoberta por Say (1983). Vejamos o que ela diz:

Pois bem, o dinheiro é apenas a viatura do valor dos produtos. Todo seu uso consiste em transportar até você o valor dos produtos que o comprador havia vendido para comprar os seus; Da mesma maneira, ele transportará para aquele de quem você fizer uma compra o valor dos produtos que você vender a outros.<sup>19</sup>

Seguindo essa linha pensamento vamos aprofundar nossa compreensão da Teoria Monetária Austríaca, que está intimamente ligada a lei de Say.

#### AS IMPLICAÇÕES DAS RELAÇÕES MONETÁRIAS

A estrutura de preços, ou seja, a relação de troca entre a moeda e os bens vendáveis é determinada exclusivamente pela relação monetária, isto é, pela relação entre a demanda e a oferta de moeda.

---

<sup>16</sup> Mises (2010), p. 23.

<sup>17</sup> Hayek (1995), p. 134.

<sup>18</sup> Para ver mais detalhes acerca da definição de praxeologia ver Mises (2010), p. 23 a 24 e 57 a 59.

<sup>19</sup> Say (1983), p. 138. Ver também páginas 137 a 147 e ver Mises (2010a), p. 490 e 491.

Se a relação monetária não se alterar, não pode surgir uma pressão inflacionária (expansionista) nem deflacionária (contracionista) sobre o comércio, as empresas, a produção, o consumo e o emprego.<sup>20</sup>

Mises (2010) prossegue sua argumentação ao apresentar o fato de que a moeda não é nem nunca poderia ser neutra.

A noção de uma moeda neutra é tão contraditória quanto a de uma moeda com poder aquisitivo estável. A moeda que não tivesse ela mesma uma força motriz não seria, como as pessoas presumem frequentemente, uma moeda perfeita; pelo contrário, não seria de modo algum uma moeda.<sup>21</sup>

Apresentadas esses três pontos principais da Teoria Monetária Austríaca vamos agora tentar aprofundar na compreensão das causas dos ciclos econômicos e como eles se relacionam com a vantagem competitiva das empresas, segundo a visão da Escola Austríaca de Economia.<sup>22</sup> Para entendermos os ciclos econômicos precisamos entender como os agentes do mercado decidem onde, como, quando etc., alocar seus recursos escassos. Logo como já foi explicado por Menger (2017), a origem do valor de um bem reside na sua utilidade, a partir de tal fato o agente do mercado decide como usar o tal recurso, porém há sempre mais necessidades do que recursos disponíveis para atendê-las. Por tanto o agente precisa decidir qual dentre todas as possibilidades de uso dos seus recursos é a mais urgente, ou seja, ele precisa medir o custo de oportunidade. Na moderna economia monetizada, os agentes medem esse custo por meio NPV, sendo o NPV diretamente influenciado pela taxa de juros, essa que por sua vez é o indicador de escassez de poupança. Por poupança devemos entender a parcela da produção que não é consumida, mas disponibilizada para investimentos ou consumos futuros.

Partindo dessa lógica podemos entender que quanto mais alta a taxa de poupança menor é preferência temporal dos agentes segundo Böhm-Bawerk (1986). Isso significa que a taxa de juros cobrada no mercado será menor, pois os agentes do mercado preferem poupar mais a consumir mais. Se há mais poupança há como investir mais, ou seja, usar os recursos disponíveis para expandir a produção, pois os NPV(s) dos projetos de

---

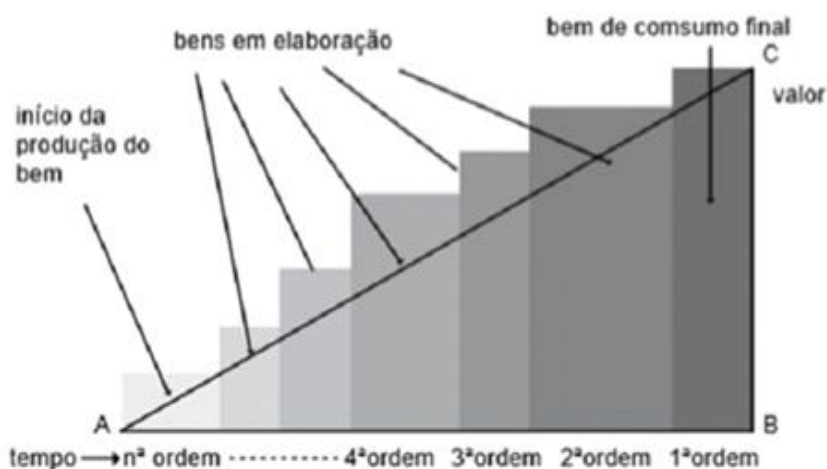
20 Mises (2010), p. 499 e 500.

21 Mises (2010), p. 486. Para ver o texto completo de Mises ver páginas 487 e 488.

22 Importante destacar que esse trabalho tem por objetivo apresentar os fundamentos da Escola Austríaca de Economia, portanto as visões aqui apresentadas não são as únicas existentes na ciência econômica, havendo inúmeras outras escolas de economia cujas teorias são fundamentalmente opostas as teorias da Escola Austríaca. Mas o objetivo desse trabalho não é debater as diferentes visões existentes na ciência e sim apresentar os argumentos científicos existentes em defesa da livre competição das moedas, isso é o direito de todo indivíduo escolher qual ou quais moedas deseja usar em suas relações de trocas livremente estabelecidas com outros indivíduos.

investimento são mais altos. Esse é o processo natural de funcionamento do livre mercado, para que haja mais consumo o investimento deve ser reduzido e vice-versa. Colocando em outras palavras as variáveis econômicas preços, juros e salários devem poder flutuar livremente conforme a disponibilidade de recursos na economia. Se os recursos são abundantes essas variáveis tenderam a ter valores baixos, à exceção dos salários, já se esses recursos são escassos elas tenderão a ter valores altos, à exceção dos salários. Iorio (2011) explica essa dicotomia entre consumo e investimento através da representação do chamado Triângulo Hayekiano.

Figura 4 – Exemplo do Funcionamento do Triângulo Hayekiano



Fonte Iorio (2011), p. 153.

Como pode ser visto o Triângulo Hayekiano nada mais é que um triângulo retângulo, e a relação entre consumo investimento é muito similar ao teorema de Pitágoras, ou seja, se há uma oferta limitada de recursos expressa na forma da hipotenusa, isso significa que para que um cateto possa crescer o outro tem que diminuir. O cateto na vertical representa a possibilidade de consumo, já o cateto na horizontal representa a possibilidade de investimento. E a altura das barras representa o juro sobre o capital dos bens em processo de elaboração, quanto mais próximo do consumo maior o preço da mercadoria.<sup>23</sup> Como é possível ver conforme a hipotenusa se aproxima do cateto na vertical, mais próximo do consumo final está o processo produtivo e vice-versa. Quando vemos a hipotenusa da esquerda para direita vemos o vetor da produção e quando vemos da direita para esquerda vemos o vetor da demanda, conforme Iorio (2011), p. 158. Logo a forma do triângulo varia de acordo com as preferências temporais dos indivíduos. Iorio (2011) e Ruys (2017) citam o chamado efeito “Ricardo”, efeito descoberto pelo economista David Ricardo, ao

<sup>23</sup> Esse fato exemplifica o fato de que os preços definem os custos e nunca o contrário, conforme Iorio (2011), p. 82.

constatar que quando há um aumento na poupança da sociedade, os preços declinam. Logo o valor real dos salários pagos aumenta, o que eleva o custo de produção, por outro lado como há mais poupança as taxas de juros e os preços dos bens estão mais baixos. O que torna os investimentos em capital mais atraente aos olhos dos empresários, isso é a economia se torna mais capital intensiva, pois os recursos antes dirigidos ao consumo agora estão disponíveis para serem usados no alargamento dos processos produtivos. Colocando em outras palavras a hipotenusa do Triângulo Hayekiano continua igual, mas os catetos mudam, o cateto da vertical reduz de tamanho e o cateto da horizontal aumenta de tamanho, sendo esse processo o responsável por aumentar a disponibilidade de capital, riqueza, no futuro.<sup>24</sup> Ou seja, nada mais do que o que Say (1983) disse ao explicar que era consumido 6 ou 8 vezes mais na França de seu tempo do que no miserável reinado de Carlos VI. A lei de Say do contrário do que disse Keynes (1996), p. 56 não é uma “falácia”, pois se há mais produção há mais consumo, visto que Say (1983) enfatiza o fato de que nós não pagamos os nossos consumos com dinheiro, mas com nossa produção.

Naturalmente conforme a taxa de poupança aumenta, os preços de bens e serviços de consumo irão declinar sendo que essas quedas de preços nada mais são que o redirecionamento dos recursos escassos para o investimento, segundo (Mises 2010, Hayek 2011a e 1995, Salerno 2012, Macovei 2015, Butos 2012 e Boyes 2014), não tivesse havido qualquer intervenção estatal em juros, baixos, preços, altos, e salários, controlados, não haveria como um ciclo econômico se formar. Visto que se os empresários comessem a investir em projetos inviáveis economicamente esses projetos seriam liquidados rapidamente ou sequer teriam saído da fase de projeto, pois seus NPV(s) seriam negativos.<sup>25</sup> Ou seja, toda vez que há uma mudança na dinâmica industrial segundo (Porter 1989, 1993 e 2004), as 5 forças da concorrência irão naturalmente reagir a essas mudanças, não importando se essa mudança seja em razão de uma queda do

---

24 Uma importante observação a fazer se refere a área de cada estágio ou ordem de produção do Triângulo Hayekiano, conforme pode ser observado na imagem do triângulo, as diferentes ordens de produção tem áreas diferentes, sendo a primeira ordem a que possui a maior área e a última ordem a que possui a menor área. Essas diferenças de áreas se devem a preferência temporal da sociedade, isso é os bens de primeira ordem são os bens mais imediatamente disponíveis para consumo, já bens da N° ordem são bens que só estarão disponíveis em um período N vezes maior. Logo os indivíduos preferem consumir a maior parte da produção nos estágios mais próximos ao consumo presente e destinam ao consumo mais futuro uma parcela menor dos recursos disponíveis. No entanto a área de cada ordem irá variar de acordo com o que é produzido, ou seja, certas produções são preferidas a outras, logo certas indústrias irão naturalmente receber mais recursos para serem investidos, o que logicamente acontece em razão da utilidade marginal de cada produção, se o bem a ser produzido é muito demandado receberá mais recursos de investimento se o bem não tiver grande demanda receberá poucos recursos.

25 Para ver mais sobre a teoria austríaca dos ciclos econômicos, ver Mises (2010), p. 630 a 645. Ver também Rothbard (2012), p. 104 e 105.

consumo, aumento do consumo, aumento da concorrência, redução da concorrência, existência ou ausência de novos produtos e serviços substitutos. Ao longo desse processo de ajuste natural certas indústrias podem sofrer perdas econômicas maiores que outras, mas esse é o mecanismo que melhor recompensa os produtores que produzem o que os consumidores demandam e aplica “punições” aos produtores que erram nas suas ofertas.

Como destacado por Mises (2010), a moeda é uma mercadoria como qualquer outra e a decisão de manter mais ou menos moeda na forma de encaixe, dinheiro prontamente disponível, depende diretamente das expectativas acerca do valor das demais mercadorias e da própria moeda em si. Logo um aumento abrupto da oferta de moeda, Boom Econômico, leva que as expectativas a respeito da real capacidade produtiva e de consumo da economia sejam sobrestimadas. A inflação, criação de moeda,<sup>26</sup> altera a disposição de consumir e investir dos agentes do mercado, pois dá a eles a falsa sensação de riqueza, se há mais moeda em circulação, a utilidade marginal dela reduz segundo Say (1983). Levando que seja gasta mais moeda a que seria gasta em uma situação de ausência de inflação, a emissão de moeda. Como já citado por Mises (2010), a moeda não é neutra e nem nunca poderia ser, o que significa que, a moeda não irá afetar a todos os preços, juros e salários ao mesmo tempo e na mesma intensidade. Pois se voltarmos nossa atenção ao conceito do NPV, veremos que quando a taxa de juros cai o NPV aumenta, mas o NPV não aumenta de forma uniforme em toda a economia, esse aumento é maior quanto mais distante o processo produtivo for do consumo final. Isso é o NPV das empresas do varejo sobem menos que as do atacado, essas que por sua vez sobem menos que as de seus fornecedores e assim sucessivamente.

Isso ocorre, pois, o NPV do varejo é calculado com base nas expectativas de vendas aos consumidores, por sua vez o NPV do atacado é derivado do NPV do varejo, o que ocorre também no fornecedor do atacado e assim sucessivamente. Isso é o que Iorio (2011) e Ruys (2017) chamam de efeito “Ricardo Hayekiano”. Em suma quando o governo manipula a taxa de juros ele faz com que os investidores busquem investir nos estágios produtivos, mais lucrativos, como podemos ver esses estágios são os mais distantes do consumo final. Pois se a taxa de juros de um empréstimo de 20 anos cair pela metade, o NPV do varejo dobra, já o NPV do atacado quadruplica, o NPV do fornecedor

---

<sup>26</sup> Ver Hayek (2011a), p. 66. Para ver visão semelhante à de Hayek, ver Mises (2010), p. 491 a 493.

octuplica e assim sucessivamente.<sup>27</sup> O que o governo faz é dar aos empresários um incentivo para aumentar exponencialmente o investimento distante do consumo final. No decorrer do tempo os empresários percebem que esses investimentos são financeiramente inviáveis e tem início as quedas de produção e demissões de trabalhadores, aumento do desemprego, o *Crash* econômico.

Logo o que a Escola Austríaca de Economia nos diz é que ciclos econômicos em nada tem a ver com sobre investimento e baixo consumo, a popularmente e erroneamente chamada “deflação”.<sup>28</sup> Segundo (Mises 2010a, Hayek 2011a e 2011b, Rothbard 2012, Salerno 2012) crises econômicas são fenômenos monetários e não mercadológico, o que leva segundo aos referidos autores, a necessidade de se criar a livre competição no mercado de moedas.<sup>29</sup> Pois se de fato os ciclos econômicos forem causados pela emissão de moeda, o único meio eficaz de se impedir que o planejamento estratégico das empresas seja afetado por essa expansão da quantidade de moeda levando a uma crise econômica, seria adotando, como proposto por Hayek (2011b), a livre competição no mercado de moedas. Havendo liberdade de escolha para as moedas a propensão para inflacionar é reduzida, pelo fato de que os indivíduos evitariam usar uma moeda cujo poder de compra somente declina.

#### 4 Metodologia.

Compreender o funcionamento do que se convencionou chamar de “mercado”, não é algo fácil de se fazer, pois o mercado não é um ente vivo, nem tão pouco é um lugar específico. O mercado segundo Mises (2010) é o constante processo realizado por indivíduos voluntariamente visando obter mercadorias em troca de outras mercadorias.

---

27 Esse processo de multiplicação ocorre, pois todos os NPV(s) de todos os estágios produtivos, dobram automaticamente com a queda da taxa de juros, mas como o valor de cada estágio está diretamente ligado ao estágio seguinte da produção, ao todos dobrarem em razão da queda dos juros, isso leva a que, os valores de todos os NPV(s) sejam recalculados, logo se o NPV do varejo dobrou e o NPV do atacado que já havia dobrado, dobra novamente e assim sucessivamente. É esse fato que leva a situações das crises econômicas em que “sobram” fábricas e “falta” consumo, segundo (Mises 2010, Brown 2017, Boyes 2014, Cochran 2011a, Giménez et al 2015, Krichene & Askari 2016, Steele 2008 e Sieron 2016).

28 Do contrário que é dito “deflação” não se refere a uma queda de preços gerais, mais uma redução da quantidade total de moeda, ao se chamar de deflação a queda preços e não a redução da oferta de moeda estamos transformando causa em efeito e efeito em causa, cometendo portanto uma “revolução” semântica, ver Mises (2010), p. 491 a 492.

29 Para um relato empírico detalhado sobre esse assunto ver Rothbard (2012, p. 125), onde serão apresentados todos os dados que fundamentam essa visão. Especialmente o icônico caso da crise de 29, que quando antes do *Crash*, houve uma expansão monetária exponencial, haviam em junho de 1921 2,6 bilhões de dólares em ouro, contra 44,7 bilhões de dólares de “papel”, já em junho de 1929 a quantidade de ouro havia crescido para 3 bilhões de dólares, contra mais de 71,8 bilhões de dólares de papel. Essa maciça emissão de moeda levou a criação de diversas bolhas econômicas. Todos se comportavam como se houvesse muito mais riqueza do que de fato havia, fato esse causado pela “ilusão” monetária do FED.



Esse processo vem evoluindo juntamente com a humanidade e é impossível dissociar a história do mercado da história da humanidade, conforme Schuettinger & Butler (1988). Tão pouco é possível imaginar o mercado como o conhecemos sem moeda, a moeda é o bem mais importante desse processo abstrato denominado mercado, segundo Hayek (2011b). Pois é através do preço dessa mercadoria denominada moeda, que conseguimos determinar o preço de todas as outras mercadorias e assim decidir como alocar nossos recursos escassos a fim de satisfazer a todas as nossas necessidades por ordem de prioridade, de acordo com Menger (1985 e 2017).

Portanto para podermos analisar um processo abstrato devemos partir de uma filosofia interpretativista e racionalista, com uma abordagem dedutiva desenvolvida através de uma revisão de literatura e uma coleta de dados qualitativos secundários, com o objetivo de testar a validade dessa teoria proposta, segundo Saunders et. al, (2016). A metodologia escolhida para lidar com essa questão será qualitativa, com o objetivo de realizar uma pesquisa explicativa bibliográfica, que parte da análise de teorias já bem estabelecidas para aprofundar a capacidade explicativa dessas teorias conforme (Yin 2016 e Menger 1985 e 2017). Para tanto iremos partir da metodologia de análise da concorrência desenvolvida por (Porter 1989, 1993 e 2004) em que o autor identifica elementos qualitativos comuns a todos os mercados ou como prefere chamar o autor “indústrias”. (Porter 1989, 1993 e 2004) utiliza essa abordagem para identificar elementos genéricos comuns a todas as indústrias, mas que não estão presentes na mesma intensidade em todas as indústrias. Logo isso leva a que cada indústria tenha sua própria dinâmica e que as empresas possam analisar essa dinâmica e a partir dessa análise decidir como se posicionar competitivamente. Porém o que essa metodologia não abarca em seus modelos é o papel que a moeda tem na dinâmica competitiva da indústria, para tanto é preciso combinar a visão de (Porter 1989, 1993 e 2004) com as teorias apresentadas por (Mises 2010, Hayek 2011a e 2011b), seguindo a metodologia de Menger (1985 e 2017), a fim de construir uma teoria qualitativa explicativa do papel que a moeda tem na dinâmica competitiva das indústrias.

E a melhor estratégia metodológica para esse propósito é a *Scenario Planning*, conforme definida por (Adamus & Markiewicz 2013, Karvetski et al 2011, Postma et al 2012, Schoemaker 1992a, Schoemaker 1992b, Schoemaker 1992c, Fleisher 2015, Schwenker & Torsten 2013 e Oliver & Parrett 2018). A razão para a escolha dessa estratégia metodológica está no fato de que nos permite observar como com base nas visões dos autores já referidos, como uma indústria genérica irá reagir se for exposta a

uma inflação monetária, emissão de moeda. Portanto nos permite observar de que formas as variáveis identificadas por (Porter 1989, 1993 e 2004, Mises 2010 e Hayek 2011a e 2011b) irão reagir. Isso é alargar a compreensão da TACE, Teoria Austríaca dos Ciclos Econômicos, ao combinarmos a TACE com a visão baseada na indústria, passaremos a ver um quadro mais completo das diferentes formas que diferentes indústrias reagem ao mesmo estímulo, inflação, emissão de moeda, podendo verificar que não há um só cenário de ciclo econômico possível, mas milhares de diferentes cenários de ciclos econômicos. Para tanto iremos usar a estratégia metodológica do *Scenario Planning* para simular cenários hipotéticos, de ciclos econômicos, que surgem da combinação das teorias referidas conforme a metodologia de pesquisas sociais e econômicas de Menger (1985 e 2017).

Esses cenários serão construídos através da metodologia adotada por Schwenker & Torsten (2013), que consiste em 5 passos para se fazer o estudo de cenários e com foco em uma análise no nível macro da indústria.<sup>30</sup> Primeiro devemos definir os fatores influenciadores, segundo devemos determinar o grau de influência dos fatores, terceiro com base nas informações coletadas nos dois primeiros estágios iremos construir os cenários estratégicos que serão objetos da simulação, posteriormente na quarta fase devemos determinar quais as oportunidades de negócio existem com base nos resultados obtidos através das simulações. Por fim no quinto e último passo são construídos os casos de negócios, isso é o ponto onde os gestores com base nos resultados das simulações decidem como proceder com seus negócios e traçam as estratégias que determinarem mais adequadas para lidar com esse(s) cenário(s) que escolheram, conforme (Porter 1989, 1993 e 2004 e Oliver & Parrett 2018).

No entanto antes de se fazer essa análise, primeiramente foram apresentados os conceitos gerais e mais relevantes de (Porter 1989, 1993 e 2004), autor que foi escolhido pois é considerado um dos maiores pensadores da gestão estratégica. Em seguida foi apresentada a Praxeologia, a ciência que fundamenta a Escola Austríaca de Economia, segundo Mises (2010). A razão da escolha dessa escola se deveu a sua defesa a desestatização da moeda, que segundo a Escola Austríaca é o único caminho que se deve seguir para pôr fim as sucessivas crises econômicas, segundo Hayek (2011b). Apresentadas essas duas visões, iremos uni-las para contruir 4 cenários indústrias estratégicos genéricos, a fim de simular como a inflação monetária afeta a

---

30 Ver Schwenker & Torsten (2013), p. 49 a 64, 69 a 75 e 157 a 175. Ver Porter (1989), p. 411 a 443 e Porter (1993), p. 647 a 688.

competitividade das empresas em nível nacional e internacional em um horizonte de tempo único ou *cross-sectional*. Ao todo com base nessa metodologia seria possível construir mais de 1920 cenários estratégicos genéricos, pois os cenários são feitos com base nas seguintes variáveis: 4 ELEMENTOS DO DIAMANTE x 4 ESTÁGIOS DA INDÚSTRIA x 4 ESTÁGIOS DA ECONOMIA x 5 FORÇAS DE PORTER x 3 ESTRATÉGIAS GENÉRICAS x 2 INFLAÇÕES, inflação simples e inflação bancária, = 1920. A escolha de apenas 4 cenários se justifica pelo fato de serem 4 cenários muito distintos entre si e que nos permitem ver com grande clareza como as variáveis preços, juros e salários em economias pobres, emergentes, avançadas e declinantes são afetadas de formas diferentes pela TACE, ou seja, trata-se de uma amostragem qualitativa de “casos extremos” conforme Richardson (2017). É, portanto, uma amostragem por julgamento conforme Saunders et. al, (2016). Porém o que todos esses 4 cenários preservam entre si, é o fato de que inevitavelmente todos passam por momentos de Boom Econômico seguido de uma grande retração da atividade econômica, toda vez que um agente inflacionário cria mais moeda na economia. E finalizaremos nossa análise concluindo com alguns apontamentos a respeito dos dois tipos de inflação. A recolha de dados para a construção desse modelo foi feita com base em dados secundários obtidos nas literaturas referidas nessa metodologia.

##### 5 Alargando a compreensão da Teoria Austríaca dos Ciclos Econômicos.

Agora daremos início as respostas das perguntas iniciais feitas nessa dissertação isso é, as duas seguintes questões: Como a moeda influencia na vantagem competitiva das empresas nacionais e internacionais na perspectiva praxeológica misesiana? E quais são as implicações das relações monetárias? A partir desse ponto, iremos alargar a compreensão geral a respeito da TACE. Para demonstrar como diferentes indústrias, em diferentes cenários competitivos, e também em diamantes competitivos em diferentes estágios de desenvolvimento, reagem a tais implicações das relações monetárias conforme definidas por Mises (2010). Para tanto iremos apresentar a seguir o seguinte modelo genérico da TACE “alargada”, esse modelo genérico, que é baseado nos já apresentados modelos genéricos de (Porter 1989, 1993 e 2004). Conforme descrito na metodologia, nós analisaremos a TACE alargada por quatro cenários competitivos diferentes, pois se trata de uma seleção dos chamados casos “extremos” conforme Richardson (2017), isso é uma seleção de cenários escolhidos por apresentarem as características mais distintas entre si, o que dentro do espaço limitado de uma dissertação

nos permitirá ver os cenários cujos contrastes são maiores, portanto o principal critério de seleção dos cenários foi contraste existente entre eles.

Antes de começarmos a montar nossos cenários competitivos sob a ótica da TACE alargada, precisamos definir alguns conceitos importantes, primeiramente saber diferenciar com precisão o que é inflação simples do que é inflação bancária é fundamental. Tratar essas duas inflações como se fossem apenas uma, limita muito a capacidade de análise de nosso modelo, portanto vamos defini-las conforme Mises (2010), p. 650 e 651. A inflação simples é a simples emissão de moeda, que segundo Mises (2010) torna a economia menos capital intensiva, enquanto a inflação bancária é segundo Mises (2010) a expansão creditícia, que tende a tornar a economia mais capital intensiva.<sup>31</sup> Isso é a inflação simples estimula o consumo em detrimento do investimento e a inflação bancária incentiva o investimento em detrimento do consumo. A primeira subdimensiona a produção e a outra superdimensiona a produção, resultando em ciclos econômicos intermediários distintos. O primeiro é marcado pelas altas de preços generalizadas e ou segundo pelas quedas de preço generalizadas. No final ambos destroem a riqueza, porque são mal alocações de recursos escassos.

Feito esse esclarecimento podemos retornar à criação genérica e praxeológica dos nossos 4 diferentes cenários de partida, ou seja, dos 4 cenários competitivos os quais nos propusemos a simular. A fim de verificar as características distintas dos ciclos econômicos vivenciados por diferentes mercados. Para tanto devemos nos lembrar que a TACE, Teoria Austríaca de Ciclos Econômicos, nos diz que ciclos econômicos tem suas origens nas manipulações monetárias, isso é no desejo dos políticos de controlar os valores que as três mais importantes variáveis econômicas: preços, juros e salários terão.<sup>32</sup> Nossos cenários de partida serão como os descritos no quadro anterior, todos baseados em uma mesma indústria genérica e todos serão afetados por uma inflação bancária, expansão creditícia.

### 5.1 1ª Cenário:

Em nosso primeiro cenário temos uma indústria impulsionada por fatores, fragmentada e cujo diamante consiste basicamente na condição de fatores, sendo a força competitiva mais atuante a ameaça de novos entrantes, a estratégia adotada por essa indústria é a

---

<sup>31</sup> Ver Böhm-Bawerk (1986) para entender em detalhes o conceito de capital e capital intensivo.

<sup>32</sup> Para relatos empíricos da TACE ver, (Rothbard 2012, Schuettinger & Butler 1988, Hayek 2011a, Johnsson 2005, Lakomaa 2007, Newman 2014, Ryska 2017 e Theis 2005).

liderança de custo total. O que nos permite dizer que se trata de uma indústria nascente e localizada em um país pouco desenvolvido. Essa indústria se encontra no estágio mais “susceptível” a um ciclo econômico, visto que sua vantagem competitiva é totalmente baseada na oferta de fatores como mão de obra barata e recursos naturais abundantes. Sendo assim se o governo local optasse por estimular a competitividade nacional por meio da inflação monetária, o que ocorreria seria uma forte desvalorização da moeda nacional. Processo esse que diminuiria a já quase inexistente condição de demanda nacional.<sup>33</sup>

Como Porter (1993) explica, para que uma nação desenvolva empresas e indústrias mundialmente competitivas ela deve buscar criar um diamante robusto, cujos 4 elementos estejam os mais expostos aos desafios competitivos possíveis, isso é que haja grande pressão para as empresas se internacionalizarem e inovarem. Sempre buscando atender aos clientes mundialmente mais exigentes. Porém como nesse 1ª cenário nossa indústria é nascente e o governo recorre a inflação monetária para estimular a competitividade nacional. O que aparentemente é “benéfico” aos empresários nacionais é na verdade um grande problema, pois ao se desvalorizar a moeda se reduz a competição interna e com ela se reduz também a pressão para inovação e investimentos na melhoria da gestão das empresas. Resultando em uma indústria incapaz de competir globalmente. Pois ao invés de os empresários malsucedidos serem retirados do mercado, por meio da seleção natural de empresas pelos consumidores, esses empresários irão continuar alocando recursos escassos de formas que não são as que os consumidores desejam. Em suma ao invés de a indústria nacional passar por um ajuste, onde certas empresas podem falir e certos empregados serem demitidos. Porém rapidamente os empresários poderão reorientar suas ofertas de valores para as demandas dos consumidores, ao invés disso os empresários irão tender a prosseguir com a produção de valor diferente das desejadas pelos consumidores nacionais e internacionais. Não importando para tanto o quanto se desvalorize o câmbio ou se crie mecanismo de proteção a concorrência internacional, pois se o que for produzido não for o que os consumidores desejam, não importa se os preços são baixos os consumidores não irão comprar. Eles irão buscar empresas em outras localidades que possam atender as suas demandas, mesmo que para isso precisem pagar mais caro. Logo ao se proteger empresas da competição o que se está fazendo a curto prazo é dar uma

---

<sup>33</sup> Condição de demanda não se refere ao volume de vendas ou o faturamento, mas ao nível de influência que os consumidores são capazes de exercer sobre os produtores, é a capacidade que os consumidores tem para “pressionar” a indústria a melhorar a sua oferta de valor, a condição de demanda representa por tanto o nível de exigência dos clientes quanto a oferta de valor que recebem. Ver Porter (1993), p. 103 a 118.

sobrevida a empresas ineficientes, mas no longo prazo se está reduzindo a vantagem competitiva da indústria inteira segundo (Porter 1989, 1993 e 2004).

Portanto além de reduzir a competitividade nacional e atrasar o desenvolvimento da nova indústria esse processo termina em um grande desperdício de recursos escassos que foram investidos segundo Mises (2010), horizontalmente, no mesmo estágio produtivo, ou verticalmente, em outros estágios produtivos. Ao fim desse ciclo econômico essa indústria terá grande dificuldade de se relançar a competição internacional. Dado o fato de que sua vantagem competitiva é muito frágil e dependente de uma estrutura baseada no baixo custo de produção. Mas como as empresas foram levadas a fazer investimentos insustentáveis, visto que as barreiras de entrada são baixas, houve estímulo para que muitos novos concorrentes entrassem na indústria. Gerando o que Porter (1989) denomina de maus competidores, isso é uma “avalanche” de novos e insustentáveis empreendimentos que passam a adotar posicionamentos estratégicos insustentáveis. Levando a destruição da competitividade nacional, visto que nenhuma das empresas é capaz de criar uma economia de escala relevante para continuar a ter uma vantagem de custo total.

#### 5.2 2ª Cenário:

Em nosso segundo cenário temos uma indústria impulsionada pelos investimentos, em um cenário competitivo emergente, os elementos do diamante atuantes são todos menos as indústrias correlatas e de apoio, mas que o elemento do diamante “rivalidade” aparece como sendo mais atuante que os demais, cuja força competitiva mais atuante é o poder de barganha dos fornecedores. Essa indústria já apresenta alguma capacidade de competir em certos segmentos por diferenciação, isso é algumas das empresas nacionais já são capazes de focar em segmentos de consumidores interessados em mercadorias mais sofisticadas. Mas a grande maioria das empresas ainda compete por preços.

Partindo da mesma premissa anterior, imaginemos que o Estado recorra a já citada inflação monetária, visando “melhorar” a competitividade nacional. Porém ao fazer isso o Estado empobrece os consumidores nacionais, o que reduz sua capacidade de demandar bens de melhor qualidade. Desestimulando que a indústria passe por um período de saturação dos produtos de baixa qualidade e seja impelida a inovar, para criar valor para os consumidores nacionais ou se lançar para atender a novos mercados no exterior. As consequências mais visíveis disso são duas, por um curto período a demanda total da indústria irá crescer como previsto pela TACE, bem como os investimentos horizontais e verticais vão ocorrendo. Lembrando que a tendência é que os investimentos verticais se

sobreponham aos investimentos horizontais, visto que os lucros nesses estágios produtivos crescem mais durante o Boom Econômico do que os estágios de ordens mais baixas.<sup>34</sup> Porém ao fim do Boom, as empresas se deparam com alguns problemas, primeiro perderam competitividade internacional, pois investiram o capital próprio ou de terceiros em projetos antieconômicos, que por razões óbvias não podem ser operados.<sup>35</sup> Isso leva a um segundo problema que é falta de recursos para continuar a investir na melhoria de novos e melhores produtos, naqueles segmentos em que a indústria era capaz de competir por enfoque em diferenciação.

Ainda há o problema de empresas que investiram seus capitais em novas linhas de montagem horizontais e verticais cujos produtos os consumidores nacionais não querem ou não podem comprar, devido ao fato de que eles próprios estão endividados e empobrecidos. Logo o que acontece é que as empresas irão ofertar propostas de valores diferentes das que os consumidores demandam, levando a um desencontro entre o que é ofertado e o que é demandado, isso nada mais é que a lei de Say sendo perturbada. A indústria ao invés de dar um salto para o próximo cenário competitivo corre o sério risco de retroceder ao primeiro.

### 5.3 3ª Cenário:

O terceiro cenário trata-se do mais interessante, pois é nesse cenário competitivo em que uma indústria se encontra em seu auge competitivo. Isso é o diamante competitivo se encontra totalmente desenvolvido e a economia nacional é impulsionada pelas inovações tecnológicas, advindas de muitos investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Trata-se, portanto, de uma indústria madura, cujo elemento do diamante mais atuante são as indústrias correlatas e de apoio.<sup>36</sup> Nesse estágio podemos dizer que a indústria nacional é mundialmente reconhecida por produzir produtos de alto valor agregado, são mercadorias sofisticadas. Sendo poucas as empresas a pertencerem ao grupo estratégico que compete por liderança de custo total. Nesse estágio a indústria tira sua vantagem competitiva de uma posição estratégica muito firme, que não é facilmente replicável, pois são empresas que vendem para um público muito exigente e leal as marcas conhecidas. Sendo muito difícil competir contra a indústria nacional. As principais atividades de valor

---

34 Para melhor compreender esse processo ver, item 3. Onde será apresentado em detalhes o conceito do efeito “Ricardo Hayekiano”.

35 Por operado, entenda utilizados, por exemplo: a fábrica não poderá ser operada pois não há viabilidade financeira para isso.

36 Isso é o mercado nacional está saturado, as empresas buscam crescer nos mercados externos, aumentando a pressão para inovar e manter uma estrutura produtiva eficiente, custos de produção bem controlados.

desenvolvidas nacionalmente são as ligadas a pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias e processos de gestão, delegando certas etapas produtivas, montagens, armazenamento de produtos finais e distribuição em outros países. São, portanto, empresas genuinamente multinacionais.

E tiram vantagem de cada diamante competitivo nacional em que operam, não se limitam a operar em um só país, mas em todos os países em que possam desenvolver vantagem competitiva. Essas empresas são responsáveis por gerenciar múltiplas cadeias de suprimentos, situadas ao redor do mundo. Importam e exportam produtos acabados e em processamento por diversos países. Possuem subsidiárias responsáveis por porem em prática as diferentes estratégias genéricas em que competem por meio de diferentes marcas e segmentos. São legítimos conglomerados corporativos, donos de várias empresas diferentes. Mas o seu sucesso internacional depende fundamentalmente do seu país sede, conforme Porter (1993), é uma ironia que quanto mais competitiva é uma empresa mundialmente, mais importante é o seu diamante nacional para manutenção de sua vantagem competitiva. O contrário tende a ocorrer com empresas no estágio anterior, que precisam se globalizar para tentar ganhar competitividade. Entretanto como sempre, vamos agora adicionar a essa indústria um forte estímulo monetário, cujo Estado decidiu levar a diante pois como sempre acredita que isso possa aumentar a competitividade nacional.

Como já referido por Porter (1993), indústrias cujo diamante competitivo está no cenário competitivo movido pela inovação, são extremamente dependentes do seu diamante nacional, isso é o ambiente nacional altamente competitivo é o que mantém as empresas nacionais como as líderes do segmento de diferenciação mundialmente. No entanto como em todos os demais estágios anteriores, após a criação de moeda nova, inflação, o diamante passa por perturbações monetárias diferentes dos estágios anteriores, a forma assumida pelo ciclo económico descrito pela TACE muda.

Porque como (Porter 1989, 1993 e 2004) destaca, dentro de uma indústria há sempre uma pressão competitiva para se aumentar a vantagem competitiva em relação aos demais concorrentes. Entretanto como se trata de uma indústria madura, isso é que já não apresenta taxas de crescimento expressivas. Essa pressão não é dirigida para criação de novos mercados/segmentos, ela se dirige para duas frentes distintas. Primeiro o aumento do engajamento da empresa junto aos seus fornecedores e consumidores visando criar sinergias competitivas que permitam melhorar a vantagem competitiva. Segundo as empresas passam a tentar tomar participações de mercado de empresas concorrentes, e há



duas formas de se fazer isso, por meio das aquisições/fusões ou por meio da competição direta, isso é criando linhas de produção horizontais e verticais para competir nesses outros mercados/segmentos. Mas então como a inflação monetária afeta esse cenário competitivo em particular? A resposta varia consoante a não neutralidade da moeda, isso é o fato de que quando emitida, a moeda não afeta a todos os preços na mesma intensidade e ao mesmo tempo dentro da indústria em que esteja sendo utilizada.<sup>37</sup> Pois certas empresas irão receber mais moeda que outras e em períodos diferentes, logo quem recebe a moeda recém emitida primeiro e em maior quantidade terá uma vantagem econômica em comparação as empresas que receberem essa moeda por último e em menor quantidade. Pois caso o dinheiro seja primeiro usado pelas empresas produtoras de bens finais, a propensão é que esses empresários tentem a levar a cabo os seus planos de consolidação de suas respectivas posições estratégicas dentro da indústria, principalmente se valendo da tomada de controle acionário de seus respectivos concorrentes. Todavia Porter (1993), alerta para o fato de que essas movimentações competitivas internas a indústria, tendem não a elevar, mas a declinar a competitividade nacional, pois reduz a pressão competitiva para constantemente inovar. Levando as empresas a preterirem novos investimentos em favor de melhorar o pagamento de dividendos aos acionistas, o que no curto prazo pode até elevar a rentabilidade da indústria. No entanto a longo prazo é a receita para um desempenho medíocre segundo (Porter 1989, 1993 e 2004).

Por fim o segundo cenário possível de nossa análise, é a moeda sendo primeiramente empregue pelas indústrias correlatas e de apoio<sup>38</sup>, o que pode ter duas consequências básicas, primeiro causar um ciclo econômico dentro desse elemento do diamante. O que por sua vez seria desastroso para a competitividade da indústria nacional, visto que as indústrias correlatas e de apoio são imprescindíveis para a inovação e manutenção de uma posição competitiva sustentável no longo prazo, conforme Porter (1993). A segunda consequência básica é uma mudança de interesse por parte dos fornecedores diretos e indiretos em não mais quererem apenas suprir, mas passarem a desejarem a competir diretamente na indústria. O que à primeira vista seria algo desejável segundo Porter (1993), visto que aumentaria a pressão competitiva. No entanto segundo Mises (2010) e

---

37 Por indústria entenda a definição já apresentada por Porter (2004), p. 5.

38 Aqui estamos tratando do elemento do diamante Porter denominado “indústrias correlatas e de apoio”, ou seja, estamos conjecturando a possibilidade desse elemento do diamante de Porter ser o primeiro a receber a inflação, emissão de moeda, o que leva a criação de um cenário competitivo diferente do primeiro apresentado no “3º cenário”.

Hayek (2011a) esse processo não é positivo pelo simples fato de que ele não está fundamentado em preços, juros e salários definidos pelo mercado, mas sim pela expansão de crédito, levando aos empresários a investir com base em preços, juros e salários alterados pela expansão creditícia.<sup>39</sup> Ou seja, essa movimentação estratégica tem o potencial de causar uma TACE e ao mesmo tempo criar o que Porter (1989) denominou “maus” concorrentes.

Mas diferentemente dos estágios anteriores, esse estágio movido pela inovação é muito mais robusto e possui muito mais recursos financeiros e não financeiros que os demais. Portanto está muito mais bem preparado para suportar um choque econômico longo e intenso. Mas não sairá dessa “aventura” inflacionária sem sequelas, podendo ocorrer duas coisas no fim, primeiro as empresas líderes imigram para outros diamantes internacionais e se restabelecem em outro país onde as condições competitivas são consideradas mais vantajosas para a empresa. Ou então continuam no seu país de origem, o que pode levar a dois desdobramentos importantes do ponto de vista competitivo, ou a indústria nacional se recupera e retoma sua vantagem competitiva internacional ou ela prossegue adotando a mesma estratégia que causou a crise anterior. Sendo essa segunda opção a que será analisada sob a ótica da TACE em nosso último cenário genérico.

#### 5.4 4ª Cenário:

Em nosso quarto e último cenário estamos diante de uma indústria movida pela riqueza, em fase declinante, onde todos os elementos do diamante tem igual relevância. Uma indústria que por ter passado por um choque econômico prolongado e intenso drenou muito de seus recursos financeiros e não financeiros a fim de manter suas posições competitivas anteriores. Essa indústria já não é mais tão competitiva como antes e já não representa através de nenhuma empresa a liderança em nenhum segmento do grupo da diferenciação. Na verdade, para tentar manter alguma rentabilidade as empresas adotaram uma estratégia baseada na liderança de custo total que, todavia, não é exequível, visto que esse diamante é demasiado caro para se posicionar por preço. Logo estamos diante do que Porter (1989) denominou desempenho competitivo medíocre, isso é empresas que tentam

---

39 Se há mais crédito no mercado a tendência é que preços subam, salários subam e juros caiam, podendo vir a subir posteriormente para cobrir o aumento de preços. Ou seja, os empresários irão investir com base em valores de preços, juros e salários diferentes dos que existiam anteriormente a expansão creditícia. Colocando em outros termos, seria o mesmo que dizer que o aumento da oferta de crédito faz os empresários se comportarem como se houvesse mais recursos escassos disponíveis na economia do que de fato existe. Se um investimento é feito com base em valores irreais de preços, juros e salários é provável que se descubra posteriormente que se tratava de um investimento financeiramente inviável, levando a necessidade de se liquidar o empreendimento. O que será contabilmente registrado como um prejuízo para os investidores.

competir em todos os segmentos ao mesmo tempo se valendo de uma mesma proposta de valor. Resultando em um produto ou serviço visto como “intermediário”, o que não garante grandes posições de mercado a essas empresas. Em um esforço em vão de tentar reverter os prejuízos da última crise econômica, o Estado relança um programa de estímulos econômicos intensos, a fim de tentar melhorar a posição de liderança de custos totais para a indústria.

Mas como já sabemos, essa indústria teve toda sua cadeia de valor e de suprimentos voltada para atender os consumidores mais sofisticados do mundo, que eram os consumidores nacionais.<sup>40</sup> Todavia como a crise econômica tem o inevitável efeito de empobrecer a todos os agentes do mercado, os consumidores nacionais tendem a já não representar a elite de consumidores mundiais, essa posição já se encontra em outro mercado. Então eis que a indústria tem duas escolhas, lançar-se novamente a globalização ou se fechar para a competição e retroceder ao estágio de impulsionada pelos investimentos. Esse sufrágio será inevitavelmente decidido na maior parte das empresas pelo sentido de se fechar a economia. Pois como bem lembra Mises (2010), o pior efeito de uma crise econômica não está tão somente na destruição do capital físico e financeiro, mas primordialmente na motivação pessoal das pessoas que ao lidarem com situações de estresse econômico podem ter dificuldades para retomarem suas atividades como faziam anteriormente a crise. Crises econômicas profundas tendem a destruir as expectativas e o ânimo para aquilo que Mises (2010) e Sieron (2017) denominam função empresarial, isso é a vontade e a capacidade de empreender.

## 6 A estratégia competitiva e a vantagem competitiva sob uma moeda forte.

Como empresas podem ser altamente competitivas estando munidas de uma moeda forte, cujo poder de compra aumenta a cada ano? O senso comum e a grande maioria dos economistas diriam que isso é impossível. E a razão para isso seria as já citadas por Mises (2010), ou seja, a ideia de que a moeda é neutra.<sup>41</sup> E a segunda razão mais frequentemente citada por todos os economistas e a ideia de que uma moeda forte, causaria uma

---

40 A indústria nacional deixou de ser competitiva e um dos fatores de criação e sustentação vantagem competitiva de qualquer indústria são os consumidores nacionais, o que levou Porter (1993) a dizer que é uma “ironia” que quanto maior for a competitividade internacional de uma empresa, mais dependente ela se torna de seu diamante nacional. Logo no momento em que os consumidores nacionais deixarem de serem os mais sofisticados no mundo, isso pode significar que a indústria nacional teve seu diamante alterado de “impulsionado pela inovação” para “impulsionado pela riqueza”, o que significa que a indústria nacional está passando por um momento de dificuldade, que pode ser superado ou levar a derrocada da indústria nacional, para mais detalhes a cerca desse tema ver Porter (1993), p. 621 a 644.

41 Atingi a todos os preços, juros e salários ao mesmo tempo e na mesma intensidade.

“deflação”.<sup>42</sup> Não é necessário aqui repetir os argumentos já apresentados no item 3 dessa dissertação. Onde já foi amplamente debatido os argumentos que contrariam essa visão econômica em prol da inflação, emissão de moeda.

Portanto nosso objetivo nesse último item dessa dissertação se concentrará em aspectos mais práticos da administração de empresas, isso é o que o empreendedor pode fazer segundo (Porter 1989, 1993 e 2004) para criar e sustentar vantagem competitiva. Sendo assim apresentaremos de forma breve os principais pontos da visão da escola do posicionamento estratégico da qual a visão de Michael E. Porter faz parte.

Para começar o empreendedor que deseje abrir uma empresa ou então melhorar o desempenho de uma empresa já existente deve primeiro conhecer bem o mercado para o qual deseja vender. Segundo deve ser capaz de realizar uma análise no mínimo realista da indústria em que quer competir. Terceiro tem que possuir uma visão empreendedora. Sem que o empresário reúna essas mínimas condições é pouco provável que consiga competir. Mas partindo do pressuposto que o empresário reúne esses requisitos, podemos partir para a próxima etapa do processo competitivo. O empreendedor deve possuir um objetivo claro e bem definido de onde quer estar dentro da indústria, saber bem a que clientes pretende atender, como fazer isso, também não achar que os competidores são “inimigos”. Competidores “bons” segundo Porter (1989) podem ser um excelente fator de impulso da competitividade da indústria, portanto não devemos tratar a concorrência como sendo um empecilho ao sucesso empresarial e sim como fundamental para o próprio sucesso de nosso empreendimento. Tratar bons competidores como se fossem maus competidores pode ter o efeito de destruir uma indústria inteira, segundo Porter (1989). Seguindo essa linha vejamos o que Porter (1989) tem a dizer sobre como indústrias nascentes ou mesmo novos competidores podem enfrentar os concorrentes já estabelecidos:

#### 6.1 Ataque a um líder da indústria.<sup>43</sup>

Quando um líder fica vulnerável? A parcela de mercado e a rentabilidade dos líderes podem ser convidativas para uma empresa que almeja entrar ou reposicionar-se numa

---

42 Por moeda forte o leitor deve entender uma moeda que ganha valor no tempo, isso é índices de preços decrescentes e não crescentes como é em todos os países que possuem moedas nacionais sob a tutela do Estado.

43 A administração de empresas se desenvolveu como área acadêmica tendo por referencial os conceitos desenvolvidos por militares, o que leva a com frequência que certos autores utilizem conceitos militares para se referir a estratégias de gestão. No entanto isso não deve ser entendido como sendo uma aplicação literal dos conceitos militares, mas como sendo apenas uma referência as origens da administração de empresas como área acadêmica, que remontam as doutrinas empregadas por militares. As próprias palavras estratégia, táticas, operações, logística, hierarquia, ataque, defesa etc.; remontam ao mundo militar, tendo esses conceitos sido

indústria. Contudo os líderes da indústria geralmente gozam de certas vantagens ao se defenderem, como reputação, economias de escala, aprendizagem acumulada e acesso preferencial a fornecedores ou a canais. Além disso, a maioria deles está comprometida com sua indústria e possui os recursos para retaliação prolongada e prejudicial contra desafiantes. Uma empresa depara-se, assim, com uma tarefa arriscada e enorme, na busca de uma posição no mercado contra um líder.<sup>44</sup>

## 6.2 Condições para o ataque a um líder.

A regra fundamental em estratégia ofensiva é não atacar de imediato com uma estratégia imitativa, independente dos recursos ou da resistência do desafiante. De modo geral, as vantagens intrínsecas inerentes à posição de um líder superam este tipo de desafio, e o líder irá, sem dúvida, retaliar com vigor. A batalha subsequente irá quase inevitavelmente esgotar os recursos do desafiante antes de esgotar os do líder.

Um ataque bem-sucedido a um líder exige que o desafiante satisfaça três condições básicas:

1. Uma vantagem competitiva sustentável. Um desafiador deve contar com uma vantagem competitiva nítida e sustentável em relação ao líder, ou no custo ou na diferenciação.
2. Proximidade em outras atividades. Um desafiante precisa dispor de alguma fórmula para neutralizar, em parte ou inteiramente, as outras vantagens inerentes do líder.
3. Algum impedimento para a retaliação do líder. Um desafiante também precisa contar com algum meio para abrandar a retaliação do líder. É preciso que o líder seja refreado ou não se sinta compelido a uma retaliação prolongada contra o desafiante, devido suas próprias circunstâncias ou devido à estratégia escolhida pelo desafiante.<sup>45</sup>

Mas e no caso de nossa empresa já se situar em um diamante impulsionado pela inovação, como podemos manter nossa posição estratégica dentro desse mercado?

## 6.3 Estratégia defensiva.

Táticas de defesa.

A estratégia defensiva visa influenciar o cálculo de um desafiante do retorno esperado da entrada ou reposicionamento, fazendo com que ele conclua que o movimento é desinteressante, ou opte por uma estratégia menos ameaçadora. Para tal, um defensor investe em táticas de defesa. A maior parte destas táticas é onerosa e reduz a rentabilidade a curto prazo, de modo a aumentar a sustentabilidade a um prazo mais longo da posição de uma empresa. Contudo a maioria das empresas não pode eliminar completamente a ameaça de ataque, a não ser por um custo proibitivo. Portanto, um defensor deve investir para reduzir a

---

absorvidos e devidamente adaptados a realidade das empresas. Portanto atualmente quando essas palavras são utilizadas no contexto empresarial não se referem ao mesmo significado original da doutrina militar, mas tão somente como uma referência histórica das origens da administração de empresas enquanto área acadêmica.

44 Porter (1989), p. 473.

45 Porter (1989), p. 474 e 475.

ameaça de ataque a um nível aceitável, comparando o risco do ataque ao custo da defesa. Três tipos de táticas de defesa fundamentam qualquer estratégia defensiva:<sup>46</sup>

- 1ª Erguer barreiras.
- 2ª Aumentar a retaliação esperada.
- 3ª Reduzir a indução ao ataque.

As estratégias e táticas fornecidas por (Porter 1989, 1993 e 2004), permitem que qualquer empresa de qualquer lugar do mundo, mesmo estando em total desvantagem competitiva em relação a todas as 5 forças competitivas de Porter, possa reverter essa situação e ser tornar o novo líder de uma indústria já existente ou então, criar uma indústria através da substituição de uma antiga indústria. Logo alegar que a competição internacional “desleal” ou que há o risco de “deflação” são boas razões para justificar uma manipulação monetária com o objetivo de controlar as três mais importantes variáveis da economia: preços, juros e salários, é falaciosa. Como já disseram Mises (2010) e Say (1983) se os negócios não vão bem, isso em nada tem a ver com falta de moeda, mas pode ter a ver com excesso de moeda, TACE. Portanto resta apenas demonstrar um último conceito gerencial que pode ser usado por todas as empresas interessadas em realmente criarem e sustentarem a vantagem competitiva. Esse conceito nada mais é que aplicação prática da TAF, Teoria Austríaca das Flutuações, ou seja, deixar que preços, juros e salários flutuem livremente, segundo (Hayek 2011, Macovei 2015 e Butos 2012).<sup>47</sup>

Dentro dessa estratégia de livre flutuação de preços, juros e salários, podemos destacar aquele que talvez seja o ponto mais interessante de todos, não por ser o mais importante economicamente, mas por ser o mais frequentemente usado como justificativa em prol da inflação monetária. O chamado “câmbio sobre valorizado”, quase todos os economistas intervencionistas possuem alguma sugestão sobre qual deveria ser a taxa de câmbio nacional, visando manter a indústria nacional confortável diante das chamadas “guerras cambiais”. Mas afinal esse argumento se justifica ou há explicações alternativas a essa? Certamente há explicações alternativas e como veremos: Say (1983, p. 149 a 190), demonstrou que qualquer quantidade de moeda serve para manter uma economia funcionando. Say (1983) nos diz que desde que haja liberdade plena de comércio, tanto internamente quanto externamente nos países, não há razão para temer crises nas balanças de pagamentos, financeira, de capitais e comerciais. Isso porque Say (1983) explica

---

<sup>46</sup> Porter (1989), p. 449.

<sup>47</sup> Para uma história detalhada dos últimos 48 séculos de controles de preços, juros e salários ao redor do mundo, ver Schuettinger & Butler (1988).

através da sua já referida lei de Say, que ninguém paga suas compras com dinheiro e sim com sua produção, o dinheiro apenas facilita esse processo e assim que a transação é concluída o dinheiro volta a circular pela economia.

Portanto para esclarecer esse ponto, vamos recorrer a um exemplo: imaginemos a seguinte situação, vivemos em um mundo onde há livre mercado pleno! Mas antes de desenvolvermos nossos argumentos seguintes vamos esclarecer claramente o que significa o termo “livre mercado pleno” segundo a tradição da Escola Austríaca de Economia. Quando nessa dissertação nos referirmos ao conceito de LIVRE MERCADO PLENO não estamos assumindo a falsa preposição da concorrência perfeita, mas o conceito qualitativo de concorrência desenvolvido por Hayek (1948). Onde o autor é claro em afirmar que para a Escola Austríaca de Economia o conceito de concorrência não envolve qualquer conceito quantitativo. Isso é não se refere a quantidade de competidores existentes nem ao poder econômico que cada um dos agentes dispõe. Mas para Hayek (1948) a definição de concorrência se refere a liberdade, entenda-se ausência de coerção policial, que qualquer indivíduo, dispondo de qualquer que seja o seu poder econômico, poder livremente, sem que a polícia o impeça, ofertar sua produção em qualquer que seja o mercado. Bem como para (Porter 1989, 1993 e 2004) o conceito de concorrência é muito mais complexo do que os modelos teóricos neoclássicos de concorrência perfeita, imperfeita, monopolística etc. O referido autor explica em detalhes como inúmeras variáveis formam o que ele denominou de 5 forças dirigentes da concorrência, já apresentadas no início dessa dissertação. Portanto essa dissertação utiliza do conceito de vantagem competitiva justamente porque reconhece o fato de que se as empresas e as indústrias são diferentes em termos competitivos. Seria uma contradição lógica defender o conceito de concorrência perfeita e ao mesmo tempo supor que seja possível criar vantagem competitiva, se a concorrência fosse “perfeita” por definição seria impossível assumir que qualquer empresa possa criar e sustentar vantagem competitiva. Portanto não devemos confundir os termos “concorrência perfeita”, algo por definição inexistente no mundo real, com “livre mercado pleno”, algo que significa tão somente ausência de coerção policial no mercado e não que o mercado seja perfeito. Feito esse esclarecimento podemos retomar agora a argumentação inicialmente proposta por Say (1983).

Se as pessoas quiserem consumir elas primeiro terão de produzir, gerar valor, riqueza, a partir dessa produção de valor elas trocam no mercado seus produtos e serviços por uma

certa quantidade de moeda.<sup>48</sup> Com essa quantidade de moeda em mãos o produtor irá comprar o que desejar, sendo seu poder de compra sempre proporcional a duas variáveis, primeiro a raridade de sua produção, segundo a utilidade de sua produção segundo Menger (2017). Logo quanto mais raro e mais útil for a produção mais valiosa ela será aos olhos dos demais produtores. O que acabamos de descrever é a lei de Say em ação, isso é para poder consumir antes é preciso produzir e para produzir é preciso saber o que produzir, em que quantidade, onde, quando, como etc.<sup>49</sup> O objetivo central de todos os agentes do mercado é o de maximizar a sua própria satisfação segundo Menger (2017) e Mises (2010), é o axioma da ação humana em ação, o indivíduo agindo na constante busca de satisfação. Continuando com nosso exemplo, podemos ver que para consumir é condição *sine qua non* produzir, sem produção não há consumo e só há produção se houver liberdade de ação e informação quanto à o que produzir. Como demonstrou Menger (2017), a lei da utilidade marginal descreve o porquê pessoas realizam comércio, as pessoas aceitam dar em troca de seus bens, serviços e dinheiro, por outros bens, serviços e dinheiro, pois entendem que o bem a se dar como pagamento tem menor valor, utilidade, do que o bem a ser recebido em troca. Logo quando uma pessoa aceita trocar o seu tempo e esforço por um salário o faz por entender que o dinheiro a ser recebido vale mais que o tempo e esforço a serem despendidos, o mesmo valendo para o empregador que paga o salário.

Essa é uma lei econômica de validade universal, portanto, valendo até mesmo para as trocas feitas com o exterior. Como descrito em nosso exemplo do mundo onde há plena liberdade de comércio, as pessoas que desejarem importar alguma mercadoria, terão que pagar suas importações com suas exportações. Pois como já explicado por Say (1983),

---

48 Para entender claramente a diferença entre rendimento e poder de compra ver, Rothbard (2012b), p. 279.

49 A única forma de obter essas informações é por meio da observação de preços, juros e salários. Pois com base nessas informações os agentes do mercado decidem como alocar seus recursos escassos de forma a maximizar a sua geração própria de valor, riqueza. Obs: quando falamos da TACE, estávamos nos referindo a exatamente a situação em que o Estado manipula essas variáveis: preços, juros e salários, fazendo com que haja uma má alocação de recursos. Ou seja, os agentes do mercado passam a guiar suas ações com base em informações de preços, juros e salários que não refletem as reais condições da economia, o que irá levar a consumos e investimentos além da real capacidade da economia. Levando a uma crise econômica, que nada mais é que o período natural de liquidação econômica de projetos de investimentos malsucedidos, planejados para uma economia que não existia de fato. Era apenas uma “ilusão” de abundância econômica causada pela inflação monetária que fez todos pensarem que eram mais ricos do que de fato são. O que não significa que seja essa a intenção do governo, muito pelo contrário, mas ao tentar “estimular” a economia o Estado acaba por perturbar o seu equilíbrio natural. Portanto não estamos dizendo que a intenção dos governantes seja a de quebrar a economia, apenas que ao tentarem fazer a economia crescer além de suas reais capacidades o Estado leva a uma crise econômica. Obviamente é impossível de antemão determinar a dimensão da crise econômica que será gerada, pois isso necessitaria de análises de um número colossal de dados, muitos dos quais totalmente imprevisíveis, conforme Mises (2010, p. 808 a 812) esclarece.



uma pessoa tem quatro opções para financiar o seu consumo: primeiro produzir e trocar essa produção por outra produção, segundo consumir a sua poupança, terceiro tomar crédito no mercado, quarta viver de doações. Em todos os casos têm de haver uma produção, não há consumo sem produção. Logo o que Say (1983) e Menger (2017) nos dizem é que quando importamos algo que custa 1 unidade monetária no seu país de origem, ao chegar em seu destino essa mercadoria valerá mais que 1 unidade monetária, além dos custos de transporte. Esse fato descrito por Menger (2017) e Say (1983), nada mais é que a lei da utilidade marginal aplicada as trocas internacionais, ou seja, o fato de haver linhas imaginárias denominadas fronteiras, não muda em nada o funcionamento da lei da utilidade marginal. Os indivíduos irão continuar trocando bens por dinheiro sempre que entenderem que o que estão dando em troca vale menos do que o que recebem em troca. A melhor forma de vermos a lei da utilidade marginal aplicada ao comércio internacional é recorrendo a um exemplo histórico de conhecimento notório. Se observarmos a história veremos que o período das grandes navegações, foi motivado pelo fato de que os navegantes sabiam que os preços das especiarias eram muito maiores na Europa que nas Índias Orientais e Ocidentais. Tais preços eram tão altos a época, que mais que compensavam os custos de uma viagem marítima intercontinental, ou seja, ao chegarem as Índias os navegantes desembolsavam uma quantia “X” de moeda por certa quantia de especiarias, porém ao retornarem à Europa, essas mesmas especiarias valiam muito mais que “X”. Logo o que Say (1983) e Menger (2017) afirmam é que o valor de um bem é sempre subjetivo e muda conforme a percepção subjetiva de valor de cada indivíduo. Isso é as especiarias eram muito abundantes nas Índias Ocidentais e Orientais, o que fazia seus preços serem baixos por lá, porém na Europa tais mercadorias eram escassas naquela época, o que fazia seus preços serem muito altos. Portanto quando mercadores europeus atracavam nas Índias eles estavam importando mercadorias pelo preço “X”, mas ao chegarem em portos Europeus o valor de tais mercadorias eram muito superiores a “X”, tão altos que além de custear a longa viagem intercontinental ainda eram suficientes para gerarem lucros elevados para a época.

É por essa razão que Say (1983) apresenta uma crítica a noção de balanças comerciais positivas e negativas, pois segundo ele nos enviamos 1 unidade monetária de valor, riqueza, ao exterior, Índias, mas recebemos em troca mais que 1 unidade monetária de valor, especiarias, do exterior, porque as tais especiarias valem mais que uma unidade monetária na Europa. Portanto os Europeus pagaram um preço menor pelas especiarias do que de fato elas valem na Europa, logo os europeus receberam mais valor subjetivo do

que deram em troca, portanto os europeus estão mais ricos. Logo nossa balança comercial está positiva em favor das importações, porque enviamos menos valor, utilidade marginal segundo Menger (2017), do que recebemos em troca. Say (1983) nos diz que se as nossas balanças comerciais fossem positivas em favor das exportações os países estariam enviando mais valor, riqueza, ao exterior do estão recebendo em troca. Colocando em outras palavras estaríamos todos empobrecendo.<sup>50</sup> Pois para Say (1983) o que importa não é o preço que pagamos pelas especiarias nas Índias, mas o preço que elas terão ao chegarem na Europa. Porém se nós exportamos especiarias que nas Índias valem “X” e recebemos como pagamentos mercadorias europeias que nas Índias valem menos que “X”, nós estamos enviando mais riqueza a Europa do que a Europa nos envia em pagamento. Pois o que importa não é o preço que pagamos na importação de um produto, mas o preço que esse produto terá ao chegar ao seu destino. Isso é uma transação comercial só faz sentido para um indivíduo se ele valoriza mais o que recebe do que o que ele dá em pagamento.

Por fim Say (1983), nos diz o seguinte, mesmo que um país só importe e nada exporte por um longo período isso não será prejudicial a sua economia. Porque em condições de livre mercado pleno, se um país só importar e nada exportar a sua quantidade total de moeda reduzirá, levando a uma redução de preços internos como constatou Mises (2010, p. 268): “Os preços não são medidos em moeda: eles consistem numa certa quantidade de moeda.” Logo se há menos moeda na economia sua utilidade marginal aumenta segundo Menger (2017), ou seja, a moeda passa a ser mais escassa e conseqüentemente a ter um poder de compra maior. O que naturalmente desestimula as importações e estimula o consumo de mercadorias nacionais, pois os preços internos se tornam menores do que os preços externos, em razão de haver menos moeda na economia nacional que no exterior. Se recorremos a nosso exemplo histórico das grandes navegações esse fato se torna simples de entender. Se os europeus ao longo dos séculos tivessem tido déficits

---

50 Importante destacar que a noção de que balanças comerciais positivas, em equilíbrio ou negativas em nada nos diz que uma nação “perdeu” ou “ganhou” competitividade mundialmente. Como destacado Por Porter (1993), empresas fazem comércio não nações, isso é são empresas europeias que importam e exportam para empresas americanas por exemplo. Logo não faz sentido lógico algum dizer que um país está em desvantagem competitiva por ter uma balança comercial “desfavorável”, o que significa desfavorável? Desfavorável para quem exatamente, para o país inteiro? Essa afirmação simplesmente não faz sentido. Como já explicado por Mises (2010), é desfavorável para um grupo de empresas que são antieconômicas, portanto que nem deveriam existir. Mas por outro lado Porter (1993), destaca que uma parcela considerável do comércio mundial é realizada por multinacionais, que importam e exportam a partir dos vários diamantes competitivos em que atuam. Logo ao se tentar proteger a indústria nacional da competição externa, o que se está fazendo é enfraquecer a vantagem competitiva das empresas nacionais e não dos concorrentes externos. Para mais detalhes, ver Porter (1993), p. 18 e 19, 719 a 733 e 752 a 758.

comerciais com as Índias, isso teria levado a que a quantidade de ouro e prata na Europa diminuísse. Ou seja, haveria menos moeda na Europa e mais moeda nas Índias. Se há menos moeda na Europa os produtos europeus ficam mais baratos que os produtos importados, logo para um cidadão europeu continuar comprando especiarias importadas, será cada vez mais difícil reunir a quantidade de moeda necessária. No entanto se esse mesmo indivíduo desejar comprar produtos nacionais, europeus, será mais fácil, pois os preços internos caíram em razão de haver menos moeda na economia europeia.

Contudo, Say (1983) diz que os empresários europeus sabem que no exterior há mais moeda e menos mercadorias. Sabendo desse fato e estando em um livre mercado pleno, os produtores de bens da Europa importadora passarão a exportar suas produções para os países cujas quantidades de moeda aumentaram ao longo dos anos, pois os produtores da Europa importadora sabem que os preços de seus bens no mercado interno são muito baixos devido à redução da quantidade de moeda, em razão de anos de importações.<sup>51</sup> Logo os produtores europeus agem exatamente como prevê a lei da utilidade marginal e o axioma da ação humana, eles irão tentar maximizar suas próprias satisfações, isso é vender seus bens nas praças onde há compradores cujos bolsos têm mais dinheiro para pagar pelos seus bens.

Conclusão, a economia está sempre em equilíbrio, as importações estimulam as exportações e vice-versa, pois nós pagamos nossas importações com nossas exportações, sendo a moeda apenas a viatura do valor dessas mercadorias, ela apenas facilita o comércio. Enviar mais moeda ao exterior não fará um país mais pobre, tão pouco receber mais moeda do exterior fará uma nação mais rica, o que importa na análise da contabilidade nacional é saber se enviamos ou recebemos mais valor ao exterior. Ou seja, no final o que importa é saber se as “especiarias” são mais valiosas na Europa do que nas Índias, se as especiarias valerem mais para os europeus do que a moeda gasta para comprá-las, então não há qualquer problema na contabilidade nacional, só haveria um problema comercial se a moeda valesse mais aos europeus do que as especiarias das Índias e vice-versa. Logo se tentarmos impedir o livre comércio por meio de medidas de protecionismo, que desagradam os consumidores, estaremos apenas criando as condições para o surgimento do mercado de contrabando.

Portanto passamos nesse último item a responder por completo a nossa questão inicial dessa dissertação: Como a moeda influencia na vantagem competitiva das empresas

---

<sup>51</sup> Já que em uma economia de livre mercado pleno, todos os preços seriam reajustados conforme o câmbio, os salários e juros flutuariam também.

nacionais e internacionais na perspectiva praxeológica misesiana? Em uma economia de mercado plena a moeda transmite informações valiosas as empresas, que por suas vezes as usam para traçar estratégias competitivas e conseqüentemente desenvolver vantagem competitiva. No entanto quando a moeda deixa de transmitir corretamente os valores de preços, juros e salários de mercado, ela destrói a vantagem competitiva. A moeda forte aumenta a vantagem competitiva das empresas, pois uma moeda forte é aquela que transmite ao empresário o real valor de preços juros e salários de mercado, por essa razão Hayek (2011b) propôs que o livre mercado seja o fornecedor de moedas para o próprio mercado. Porque se os consumidores são capazes de escolher todas as mercadorias que desejam comprar ou produzir, por que não o seriam para escolher a moeda que desejam usar? Se os consumidores desejarem transacionar em moedas fiduciárias estatais que sejam livres para tal, mas se desejam usar outras moedas que o sejam livres também. Pois como bem observou Hayek (2011b): “O dinheiro é a única coisa que a competição não barateia, pois, sua capacidade de atração reside na preservação de seu valor alto”.<sup>52</sup> Logo no livre mercado de bancos competindo entre si para fornecer a melhor moeda aos consumidores a moeda que tenderá a si sobre sair será aquela que preservar mais o seu poder de compra. Desestimulando assim que haja inflação, emissão de moeda, e conseqüentemente evitando a formação da TACE, o que reduziria a vantagem competitiva das empresas em nível nacional e internacional. Portanto a moeda é o elemento mais relevante para a administração de empresas pois é através dela que a chamada ordem espontânea de Hayek (1948 e 1995, p. 108) pode se formar e se manter.<sup>53</sup>

7 CONCLUSÃO.

Essa dissertação buscou trazer ao debate acadêmico explicações alternativas ao *Mainstream* econômico, no que tange as explicações para como a economia internacional funciona e como as empresas nacionais podem ser tornar mais competitivas em nível nacional e internacional, através da livre escolha das moedas que queiram utilizar em suas transações comerciais. Acreditamos que a ciência não deve ser apenas vista pela perspectiva mais aceita no mundo acadêmico, pois as teorias que hoje compõe *Mainstream*, já foram no passado as explicações alternativas. Nenhuma explicação científica seja ela empírica ou teórica, pode ser vista como sendo uma explicação irretocável ou inquestionável, sendo o papel de todos questionar sempre, para que sempre

---

<sup>52</sup> Hayek (2011b), p. 109. Ver Lakomaa (2007) e Ryska (2017).

<sup>53</sup> Para conhecer os problemas práticos de uma economia planificada, socialista, ver Mises (2010), p. 795 a 812.

busquemos aperfeiçoar a ciência em todas as suas áreas. Tendo por base essa premissa, essa dissertação tentou enriquecer o debate econômico, com foco na economia internacional, ao apresentar a visão da Escola Austríaca de Economia e da Visão Baseada na Indústria como teorias alternativas para explicar a importância da moeda para a competitividade de todas as empresas. Por fim essa dissertação buscou demonstrar algumas das estratégias competitivas que as empresas podem adotar em suas respectivas indústrias para se tornarem mais competitivas em nível nacional e internacional. Sem para isso recorrer a desvalorizações cambiais, apenas adotando um posicionamento estratégico mais adequado as condições das indústrias em que estejam inseridas ou que desejem competir. Essa dissertação só foi possível em grande parte graças ao trabalho de Hayek (2011b), por essa razão gostaríamos de terminá-la citando o ganhador do prêmio de “ciências econômicas em memória de Alfred Nobel” de 1974 F. A. Hayek, quando ele diz:

Um bom dinheiro só pode surgir do interesse próprio e não da benevolência

Sempre tivemos um mau dinheiro porque a empresa privada não teve permissão de nos fornecer um melhor. [...] Bendito realmente seja o dia em que não mais será da benevolência governamental que teremos de esperar um bom dinheiro, mas do zelo dos bancos pelos seus próprios interesses. [...] Não foi o “capitalismo”, mas a intervenção do governo, o responsável pelas repetidas crises do passado. O governo impediu a empresa privada de equipar-se com os instrumentos de que necessitava para se proteger do mau direcionamento de seus esforços provocado por um dinheiro não confiável, quando isso seria lucrativo para o fornecedor de dinheiro e benéfico para todos os outros.<sup>54</sup>

As conclusões alcançadas por essa dissertação foram alcançadas por meio da análise de cenários estratégicos industriais, cujas metodologias de análise foram a *Scenario Planning*, a Visão Baseada na Indústria e a Praxeologia. Sendo essas metodologias conduzidas por meio de um processo dedutivo e qualitativo. Mas também com base em evidências empíricas. Como todo modelo teórico e empírico é por definição uma simplificação da realidade, logo a explicação para os diferentes ciclos econômicos apresentados ao longo dessa dissertação, são por definição simplificações de uma realidade muito mais complexa. Sendo assim a principal limitação dessa dissertação é não incluir um número maior de variáveis para compor a formulação de cenários, o modelo utilizado se valeu de um conjunto de variáveis limitadas que permitiu um limite de até 1920 cenários. Podendo ainda ser utilizadas inúmeras outras variáveis que poderão

---

<sup>54</sup> Hayek (2011b), p. 154 e 155.

enriquecer mais a análise de cenários alargando o número de cenários a um valor ainda maior que o possível com essa metodologia. O que poderá ser realizado por investigações futuras que busquem compreender com mais detalhes os efeitos que a moeda tem como agente promotora da competitividade empresarial em nível nacional e internacional. Uma sugestão para pesquisas futuras que gostaríamos de fazer é: a aplicação de métodos matemáticos como as programações lineares, inteiras e mistas nos cenários competitivos descritos nessa dissertação. A fim de calcular o erro matemático que ocorre nos planejamentos estratégicos das empresas quando as variáveis: preços, juros e salários, são manipuladas pela inflação monetária. Ou seja, medir hipoteticamente os efeitos dos 1920 diferentes ciclos econômicos propostos por essa dissertação, seguindo a metodologia desenvolvida por Menger (1985 e 2017).

## 8 BIBLIOGRAFIA.

- ADAMUS, M. & P. MARKIEWICZ (2013). “Scenario analysis under chaos,” *Intelektinė ekonomika*, 7(2), pp. 182–194.
- BOYES, W. J. (2014). The Keynesian Multiplier Concept Ignores Crucial Opportunity Costs. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 17(3), pp. 327–337.
- BÖHM-BAWERK, Eugen Von (1986). *Teoria Positiva do Capital*. Vol. 1. São Paulo: Nova Cultural.
- BUTOS, W. N. (2012). Monetary Orders and Institutions: A Hayekian Perspective. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 15(3), pp. 259–276.
- COCHRANE, J. H. (2011). How Did Paul Krugman Get It so Wrong? *Economic Affairs*, 31(2), pp. 36–40.
- FISHER, Irving (1923). The Business Cycle Largely a “Dance of the Dollar”. *Journal of the American Statistical Association*. 18, pp. 1024-1028.
- FLEISHER, Craig S. (2015). *Business and Competitive Analysis: Effective Application of New and Classic Methods*. Pearson Education.
- FULLER, E. W. (2015). Garrison on Keynes. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 18(1), pp. 3–21.
- JACOUD, G. (2017). Why is money important in Jean-Baptiste Say’s analysis? *European Journal of the History of Economic Thought*, 24(1), pp. 58–79.
- HAYEK, F. A. (1995). *Arrogância Fatal: os erros do socialismo*. 1ª Ed. Porto Alegre: Ortiz.
- HAYEK, F. A. (2011). *Desemprego e Política monetária*. 2ª Ed. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises Brasil.
- HAYEK, F. A. (2011). *Desestatização do Dinheiro: Uma Análise da Teoria e Prática das Moedas Simultâneas*. 2ª Ed. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises Brasil.
- HAYEK, F. A. (1948). *Individualism and Economic Order*. Chicago: THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS.
- IORIO, Ubiratan Jorge (2011). *Ação, tempo e conhecimento: A Escola Austríaca de economia*. 1ª Ed. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises Brasil.
- JOHNSSON, R. C. B. (2005). Deflation and Japan Revisited. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 8(1), pp. 15–29.
- KAKU, Michio (1994). *Hiperespaço: uma odisséia científica através de universos paralelos, empenamento do tempo e a décima dimensão*. Ed. Kindle. Rio de Janeiro: Editora Rocco.

- KARVETSKI, C. W., LAMBERT, J. H., & I. LINKOV (2011). “Scenario and multiple criteria decision analysis for energy and environmental security of military and industrial installations,” *Integrated environmental assessment and management*, 7(2), pp. 228–236.
- KOMRSKA, M. & HUDÍK, M. (2016). Hayek’s monetary theory and policy: A note on alleged inconsistency. *Review of Austrian Economics*, 29(1), p. 85.
- KRICHENE, N. & ASKARI, H. (2016). 100 percent reserve banking and the path to a single-country gold standard. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 19(1), pp. 29–64.
- KRUGMAN, Paul (2012). *Um Basta à Depressão Econômica*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Campus Brasil.
- LAKOMAA, E. (2007). Free Banking in Sweden 1830–1903: Experience and Debate. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 10(2), pp. 122–141.
- LÓPEZ-SALIDO, D., STEIN, J. C. & ZAKRAJŠEK, E. (2017). Credit-Market Sentiment and the Business Cycle. *Quarterly Journal of Economics*, 132(3), pp. 1373–1426.
- MACOVEI, M. (2015). The Austrian Business Cycle Theory: A Defense of Its General Validity. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 18(4), pp. 409–435.
- MCCLURE, J. E. & THOMAS, D. C. (2018). New-Product Research and Development: The Earliest Stage of the Capital Structure. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 21(1), pp. 3–21.
- MENGER, Carl (1985). *INVESTIGATIONS INTO THE METHOD OF THE SOCIAL SCIENCES WITH SPECIAL REFERENCE TO ECONOMICS*. 1ª Ed. New York and London: NEW YORK UNIVERSITY PRESS.
- MENGER, Carl (2017). *Princípios de Economia Política*. 2ª Ed. do Kindle: Lebooks Editora.
- MISES, Ludwig Von (2010). *Ação Humana*. 3.1ª Ed. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises Brasil.
- MULLIGAN, R. F. (2014). The Central Fallacy of Keynesian Economics. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 17(3), pp. 338–364.
- MURPHY, R. P. (2017). Is Garrison’s Notion of “Secular Growth” Compatible with the Solow Growth Literature? *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 20(4), pp. 336–353.



- NEWMAN, P. (2015). From Marshallian Partial Equilibrium to Austrian General Equilibrium: The Evolution of Rothbard's Production Theory. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 18(4), pp. 456–486.
- NEWMAN, P. (2014). The Depression of 1873-1879: An Austrian Perspective. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 17(4), pp. 474–509.
- OLIVER, J. J. & PARRETT, E. (2018). Managing future uncertainty: Reevaluating the role of scenario planning. *Business Horizons*, 61(2), pp. 339–352.
- PRISECARU, Petre (2013). Paul Krugman wants a quick end of the economic depression. *Global Economic Observer*, Vol 1, Iss 1, Pp 187-198, (1), p. 187.
- PORTER, Michael E. (1993). *A Vantagem Competitiva das Nações*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Campus.
- PORTER, Michael E. (2004). *Estratégia Competitiva*. 2ª Ed. 12ª reimpressão. Rio de Janeiro: Campus.
- PORTER, Michael E. (2008). *One Competition*. 1ª Ed. eBook. Boston: Harvard Business Review.
- PORTER, Michael E. (1989). *Vantagem Competitiva*. 1ª Ed. 37ª reimpressão. Rio de Janeiro: Campus.
- POSTMA, T.J., BROEKHUIZEN, T.L., & F. van den BOSCH (2012). “The contribution of scenario analysis to the front-end of new product development,” *Futures*, 44(6), pp. 642–654.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. (2017). *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Atlas.
- ROTHBARD, Murray N. (2012). *A Grande Depressão Americana*. 1ª Ed. São Paulo: Instituto Ludwig Von Mises.
- RUYS, P. (2017). A Development of the Theory of the Ricardo Effect. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 20(4), pp. 297–335.
- RYSKA, P. (2017). Deflation and economic growth: The great depression as the great outlier. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 20(2), pp. 113–145.
- SALERNO, J. T. (2012). A Reformulation of Austrian Business Cycle Theory in Light of the Financial Crisis. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 15(1), pp. 3–44.
- SAUNDERS, M., LEWIS, P. & THORNHILL, A. (2016). *Research methods for business students*. 7ª Ed Harlow: Pearson Education Limited.
- SAY, Jean Baptiste (1983). *Tratado de Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural.

- SCHAFFER, M. (2017). Labor Market Effects in the Austrian Business Cycle Theory. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 20(3), pp. 224–254.
- SCHOEMAKER, P.J.H. (1992). “How to link strategic vision to core capabilities,” *Sloan Management Review*, 34(1), pp. 67–81.
- SCHOEMAKER, P.J.H. (1992). “Multiple scenario development: its conceptual and behavioral foundation,” *Strategic Management Journal*, 14, 1992, pp. 193–213.
- SCHOEMAKER, P.J.H. (1992), “Scenario planning: a tool for strategic thinking,” *Sloan Management Review*, 36(2), 1995, pp. 25–39.
- SCHUETTINGER, Robert L. & BUTLER, Eamonn F. (1988). *Quarenta Séculos de Controles de Preços e Salários: o que não se deve fazer no combate à inflação*. 1ª Ed. São Paulo: Visão.
- SCHWENKER, Burkhard & WULF, Torsten (2013). *Scenario-Based Strategic Planning. Developing Strategies in Uncertain World*. Kindle Edition. Frankfurt am Main. Springer Gabler.
- SIEROŃ, A. (2017). The Non-Price Effects of Monetary Inflation. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 20(2), pp. 146–163.
- SIEROŃ, A. (2016). The Role of Shadow Banking in the Business Cycle. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 19(4), pp. 309–329.
- STEELE, G. R. (2008). Austrian business cycle theory, Keynes’s general theory, soaring wheat prices, and subprime mortgage write-downs. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 11(2), pp. 119–122.
- STEELE, G. R. (2001). Currency options: Hayek and competing currencies. *Economic Affairs*, 21(2), p. 46.
- THIES, C. F. (2005). Gold Bonds and Silver Agitation. *Quarterly Journal of Austrian Economics*, 8(4), pp. 67–86.
- YIN, Robert K. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Ed. Kindle. São Paulo: Penso.